CANCIONEIRO POPULAR

DE

MODINHAS BRASILEIRAS

Lyra dos Salões

Magistral collecção de bellissimas modinhas brasileiras, toda propias para serem cantadas em reuniões familiares, em festas collegiaes, em recepções, concertos, etc., etc.

Trazendo em cada uma a indicação da musica com que deve ser cantada

POR

Catullo da Paixão Cearense

Um grosso volume com elegante capa colorida chromo-lithographia . . . . 2$000

Eis o indice :

Sertanejo enamorado—Ai, ladrãosinho, nesse labio de coral... tem dó... Dá-me um beijinho, não te póde fazer mal... um só...; O talento e a formosura; Os olhos della; Invocação a uma estrella; O Fadario : Nasci para te amar, sorte ferina, foi meu fado te adorar... ; Os laranjaes em flôr ; De joelhos; Teu olhar tem um mysterio ; Pobre da Rosa ! ; Fifi ; Aos trovadores ; Alguem ; Ao amanhecer ; O meu ideal ; Ao ver-te ; A' mais santa e mais bella ; Innocente desejo ; O que te deixo ; No céo, na terra em tudo ; Por um beijo ; Responde ! ; A tua cóma ; Lamentos ; Mais que divina ; Descansa ; O meu jasmineiro ; A noite é bella ; Ainda assim ; Uma petala ; Imprecação á noite ; O tramonte da lua ; Ai de mim ! ; Perdôa ; Desalento ; E's um poema ; Iná ; Para sempre ; Um anjo exilado ; Ao desfraldar da vela ; Canção da saudade ; Poesia evangelica ; A lua ; Volta ; O que tu és ; O regato ; Um ai em flôr ; Decide; Serenata ; Perdão ; Supplica ; O bohemio ; Impossivel ; Olhos matadores ; Sentimento occulto ; A' Virgem Maria ; Como eu quizera morrer ; Hymno aos astros ; Guarda esta flor ; Passarinhos adeus! ; Como é fagueira ; A saudade ! Adeus á mocidade! ; O beijo ao luar ; Murchas folhas, adeus ; Formosa, casta e bella ; Eu te hei de amar ; Adeus ó chóça ; A romaria do tropeiro ; Mimi ; O Crucifixo ; Supplica amorosa ; Captiveiro voluntario ; Ave Maria; e muitissimas outras — todas lindissimas.

CANCIONEIRO POPULAR

— DE —

MODINHAS BRASILEIRAS

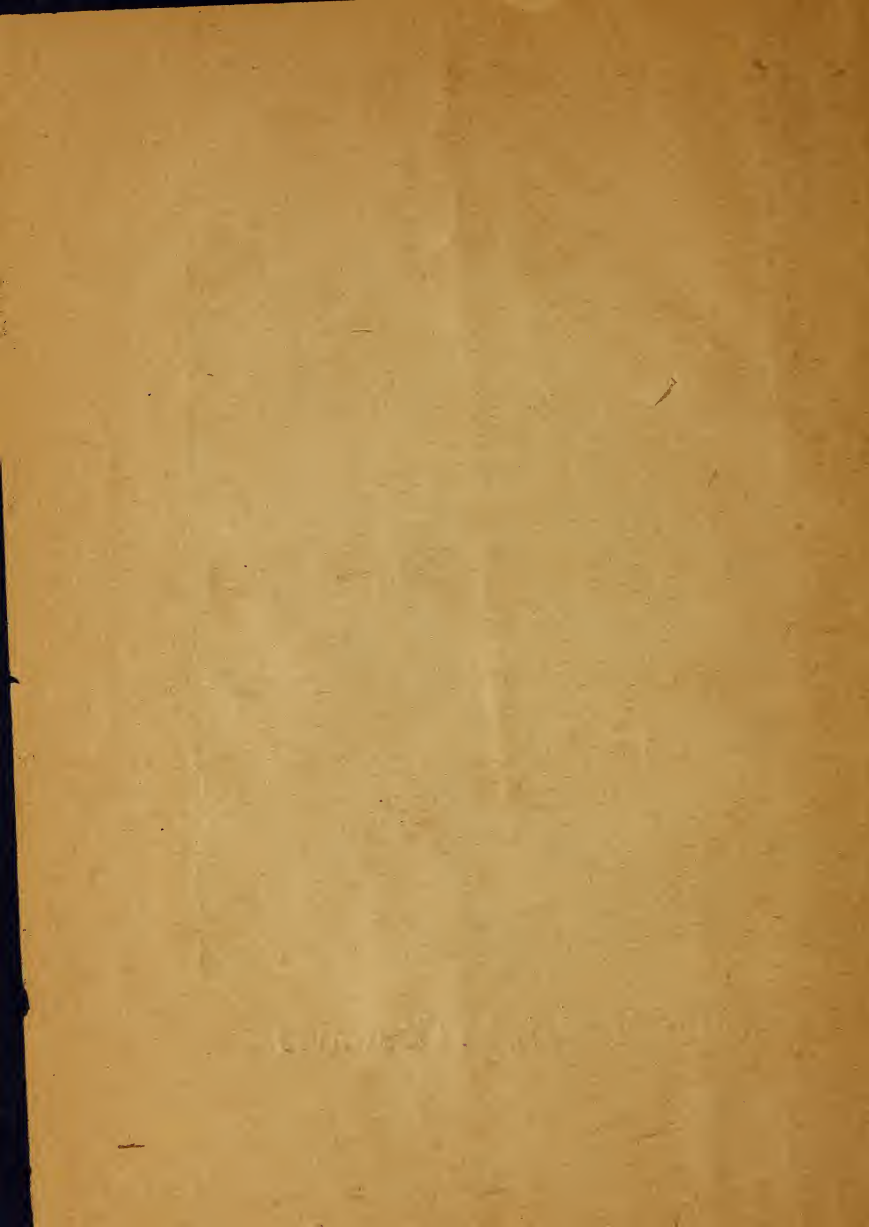
Esplendida e escolhida collecção
de bellissimas modinhas populares, escriptas umas e outras
colleccionadas, revistas e melhoradas, postas taes quaes
seus auctores as escreveram, e não estropeádas,
correctas e esphaceladas, como por ahi andam, de boca em boca,
na tradicção oral.

POR

Catullo da Paixão Cearense

VIGESIMA QUINTA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
Livraria do Povo — QUARESMA & C. — *Livreiros-Editores*
RUA DE S. JOSÉ, 65 e 67
1908

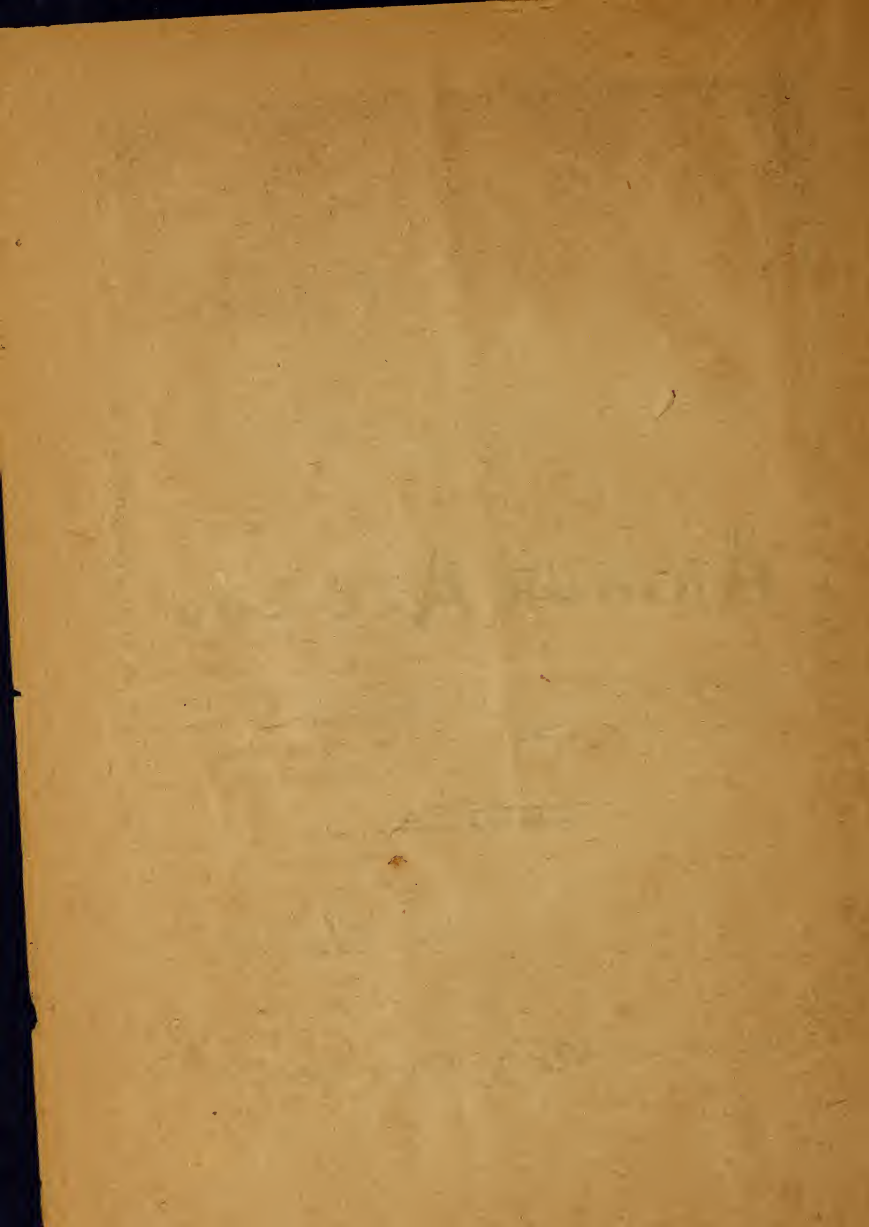
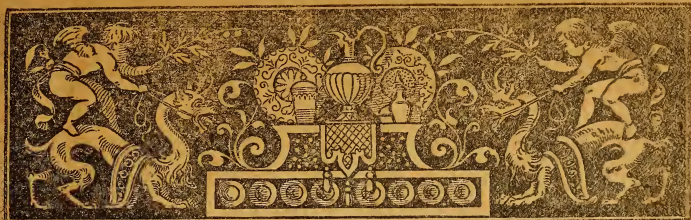
Catullo da Paixão Cearense

Ao

primoroso e distincto comediographo brasileiro

ARTHUR AZEVEDO

como singela prova de admiração ao seu talento omnimodo

DEDICA

O Auctor.

ALGUMAS PALAVRAS

Desculpe-me o leitor; sou forçado a pedir-lhe a benevolencia de ler estas palavras, em amplo desalinho, porque, talves, seja um dos que me anathematisem, não as lendo. A instancias dos Srs. Quaresma & C., pude, com trabalho improbo, colleccionar algumas das mais bellas modinhas e corrigil-as, pois confesso que não experimentei o prazer de me vir ás mãos uma só que fosse, a qual não contivesse as mais barbaras e repugnantes incorrecções.

Eis porque digo que esse trabalho de corrigir o que está eivado de erros crassos é improbo, e, o que mais é, de summa responsabilidade.

Explico-me. Desejando incluir n'este volume uma qualquer modinha, que, por ser bella e popular, preenche os dous fins primordiaes, depois de muito procurar, chega-me ás mãos quasi inteiramente estropeáda. Não conhecendo o seu auctor, que me é dado fazer?

Corrigil-a grammaticalmente, ligar o pensamento desconnexo, cuidando tambem um pouco da parte metrica, de modo a não ficar um aleijão, impiamente ferindo o ouvido educado.

Por isso, peço perdão a todo o poeta que deparar n'este volume com alguma composição sua, a qual não esteja como lhe gottejou da penna.

Se o conhecesse, tel-o-hia procurado, afim de fazer as correcções que lhe approuvesse.

Quanto ás poesias de minha lavra, nada direi. Tivesse eu talento, illustração e estro, e dedicar-me-hia, de corpo e alma, a esse genero de litteratura, o mais proficuo de todos.

Nós, amadores afervorados das languorosas modinhas brasileiras, acompanhadas aos harpejos de um violão soluçante, plangendo pelas caladas de uma noite branca e silenciosa; nós, convencidos de que nessas composições do povo, scintillam fulgurantes pensamentos que, rarissimas vezes, são lobrigados nas obras da alta litteratura; nós, que preferimos uma modinha, uma canção rustica, um lundú requebrado a um qualquer trecho de Wagner, que não comprehendemos, e que não nos produz a minima sensação... não nos importemos com o pedantismo estulto dos que menoscabam do violão, por ser elle, dizem, o instrumento dos *desoccupados e perdidos*. Quando encontrardes um desses typos n'uma sala em que haja alguem que vos deseje ouvir, recitae com emphase e enthusiasmo a poesia, que dediquei ao violão, e, depois, cantae a modinha que se segue a essa poesia, mas, é a unica cousa que vos peço, com todo o sentimento! Quando proferirdes os nomes de Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, Laurindo, Varella, Castro Alves e Tobias Barreto, principalmente, fitae com vehemencia os minguados paspalhões, e deixae-os eclypsados na immensidade de suas insignificantes pessôas. Esses genios superiores eram sinceros adoradores do violão. O conselheiro Octaviano, dizia que, ao sahir do Lyrico de onde vinha saturado de musica classica, e, ao passar pela casinha de um pobre trovador, parava extasiado, ouvindo, os suspiros da sua voz dolente e os gemi-

dos do seu violão, harmonioso e terno. Conclúo, lamentando não ver neste volume, o que seria um trabalho colossal, todas as nossas ternas, meigas, doces e saudosas modinhas brasileiras, preciosissimas joias do escrinio do estro popular. Mas, ainda assim, os Srs. Quaresma & C., vão prestando, conscientemente, inestimavel serviço á litteratura mais nacional — a do povo.

Janeiro de 1908.

Catullo Cearense.

Ao Violão

AO MEU AMIGO CORONEL ALVARENGA FONSECA

Anda cá, meu violão, eu quero agora,
afinar-te, e, baixinho, em tom maguado,
explicar-te a razão por que dos *Grandes*
tu és, foste, e serás tão diffamado.

Elles gostam de ouvir-te as harmonias,
os accórdes de vagos sentimentos,
mas, se escutam teu nome, empallidecem,
que és a escoria lethal dos instrumentos.

Eu, porém, se te estudo os sons dolentes,
quando a noite deslisa calma e bella,
nos teus divos harpejos embalado,
me levanto do leito... abro a janella !

E, a cada vibração das cordas tuas,
um queixume, um lamento, um threno alado,
vejo erguer-se o cadaver do Preterito
pelas mãos da saudade embalsamado !

E' que tu aviventas, doce e terno,
essa *Dôr* que os pezares nos acalma!...
E' que as vozes que soltas, soluçando,
uma a uma, percutem dentro d'alma.

Tem seu throno o violino em aureas salas,
mas em *luctas sonantes*, não o temes;
pois que embora suspire, cante ou gema,
nunca póde gemer como tu gemes!

Os suspiros da flauta de um Callado,
tu tambem, meu violão, das cordas tiras,
pois a flauta, que tu mais venturosa,
não suspira, jamais, qual tu suspiras!

Té mesmo o cavaquinho, bello e trefego,
teu constante conviva nas folias,
emmudece sem ti, mas, a teu lado,
chóra uns prantos de doces harmonias!

A lyra, em que trovaram priscos bardos,
que encantava as princezas meigas, puras,
de bom grado trocára os preitos nobres
pelas tuas humildes aventuras!

O piano, esse fátuo aristocrata,
embora o que te odeia não concorde,
no seu teclado eburneo, alvinitente,
não te imita, sequer, n'um doce accórde!

Eu amo os tristes sons de um'harpa triste!
Mas proclamo, bem alto e sem rebuços,
que prefiro escutar-te, á luz da lua,
desprendendo das fibras teus soluços!

O meigo bandolim, a meiga cythara,
a viola a gemer na choça rude;
a guitarra, em seus trillos chrystallinos,
o profundo lamento do alaúde;

O *metal*, costumado aos sons mavorceos,
o psalterio, em seus threnos de piedade;
o solenne carpir de um orgão triste,
mais triste que um soluço da orphandade ..

Nada pòde evocar tantas saudades,
de pai, de mãi, de amante, esposa amada,
como tu, quando, triste, a sós conversas
com o silencio da noite constellada!

Que valem Trovador, Tannhauser, Norma,
Guarany divinal, ou Traviata,
se te ouvimos planger por alta noite
n'uma esplendida e bella serenata!

Brasileira modinha, em seus quebrantos,
nos teus langues accórdes soluçada,
vale mais, quando róra as tuas cordas
o frescor de uma noite enluarada!

O brasilio cantor, vai; suspirando,
despertar na canção a sua musa,
no seu peito enxertar meigas blandicias,
abraçado comtigo á porta occluza.

Castro Alves te amava os sons plangentes!
O Fagundes Varella te adorava!
E Tobias Barreto, o bardo excelso,
os lampejos do estro em ti cantava!

E Laurindo Rabello? O cysne albente,
cujos carmes libravam-se ás alturas,
era louco por ti!... Pois muitas vezes
olvidava comtigo as amarguras!

Se existisses nos evos mythologicos,
em que Orpheu empunhava a branda lyra,
abalaras o mar, os céos, o inferno,
e crera, então, nos feitos de mentira.

Se Saúl te escutasse os dulios threnos,
nos momentos de tedio e de tristor,
transformára de certo as suas iras,
em affectos de brando e terno amor!

Se dos *Grandes* tu és ludibriado,
se elles fecham-te as portas dos salões,
é porque só tu tens essa magia
de render os mais féros corações!

Pois emquanto vagueas ao relento,
e uma endeixa, em menor, á lua exhalas,
os pianos calados, jazem tristes
em sudarios envoltos lá nas salas!

A's vezes chego a crer, penso que um anjo
desterrado dos céos, quasi em delirios,
veio dentro de ti buscar guarida
e chorar cá na terra os seus martyrios!

Mas agora, ó violão, que a noite inspira,
que a saudade mais branda se revela,
vamos juntos chorar nossas angustias
para ver se ella surge na janella.

Vamos juntos contar-lhe as horas longas,
em que soffro por ella, junto a ti!
A saudade já sangra as fibras d'alma!...
Toda a noite passada não dormi!

Escrevi-lhe uma trova tristorosa,
que o luar me ensinou, mas que contrista!
Confiado em seu estro argenteo, ethereo,
quero crer que ella hoje não resista!

O silencio da noite! A calma augusta!
O pallor deste meigo plenilunio!
O silente fulgir dessas estrellas,
não consentem vencer nosso infortunio!

Fere um doce menór!... Geme !... soluça !
Que este pranto te orvalhe as cordas !... chora !
Já não posso soffrer a dor premente
que por ella, a gemer, padeço agora !

Ella é filha do Norte, e tem no peito
um brando, um meigo, um puro coração !
A noite em meio está ! vibra uma nota
que eu vou cantar-lhe agora esta canção :

Ao Luar

(A MUSICA E' ASSAZ CONHECIDA)

Vê que amenidade,
que serenidade
tem a noite, em meio,
quando em brando enleio,
vem lenir o seio
de algum trovador !
O luar albente
que, do bardo a mente
no silencio, exalta,
chora a tua falta,
rutilante estrella
de etheral candor!

Minha lyra geme,
no concento extreme
que a saudade inspira !
Vem ouvir a lyra,
que, sem ti, delira
nesta solidão !
Vem ouvir meu canto
no fluir do pranto,
com que a dor rorejo ...
Lancinante harpejo,
que das fibras tanjo
deste coração !

Vem, meu anjo, agora,
recordar nest'hora
nosso amor fanado,
quando, eu a teu lado,
mais que aventurado,
por te amar vivi !
Quero a fronte tua
ver á luz da lua
resplendente e bella !...
Descerra a janella,
que soluça o estro
só pensando em ti !

Dá-me um teu conforto,
que esse affecto é morto
que me consagravas ..
quando protestavas,

quando me juravas,
eviterno amor!
Vem um só momento
dar ao pensamento
radiosa imagem,
depois, na miragem,
deixa, em tua ausencia,
cruciar-me a dor!

Da saudade o dardo
vem ferir do bardo
o coração silente!
Esta dor latente
só na campa algente
poderá findar!
Mas, si ainda o peito
palpitar no leito
de eternal abrigo...
hei de, só, comtigo,
sob a lousa, em somno
funeral, sonhar!

O Guarany

TEM A MESMA MUSICA DA MODINHA — E' SYMPATHICA
A MORENINHA, COMO A POMBA JURITY

Eu sinto aqui no peito
extranho fogo arder,

mas qual seu nome seja
eu não te sei dizer.

Fujamos, vem sem medo
viver na solidão,
lá, onde pulsa livre
no peito o coração!

Eu tenho o arco e a flecha!...
Desterra os sustos teus!
Eu tenho a clava horrivel
—terror de imigos meus!—

Pavor infundo ás tabas
do timido aymoré,
se escuta lá nas brenhas
os sons de meu boré.

A vida em minhas selvas
tem mais prazer que aqui!..
Tu lá serás rainha
da tribu guarany!

ESTRIBILHO

Eu juro!... A tua imagem
foi só que me venceu!
Condoe-te do selvagem,
humilde escravo teu!

Parodia

(MUSICA DA MODINHA — BEM SEI QUE TU, ETC.)

Já não me importam ludibrios,
por ser de ti desprezado,
tenho este affecto guardado
como um divino condão.
Agora nem mesmo a morte
póde esmagar este affecto,
que vive e cresce, dilecto,
nos ermos do coração.

Uma paixão é mais pura,
quando não tem esperança,
quando o desprezo a não cança,
quando a não cança o rigor!
Assim, meu anjo, eu te adoro
n'um culto extremo, subido,
e, embora seja esquecido,
vai-me alentando este amor.

Quando em ti penso, saudoso,
meu estro estúa e se agita,
minha alma toda palpita,
suspira o meu coração!
Nos estos de alma poesia,
desprendo em notas cadentes
as minhas trovas frementes,
que inspira a dor da paixão.

Tangendo harpejos na lyra,
descanto, em tons peregrinos,
os teus olhares divinos,
cobertos de casto véo !
Eu sei que tu não escutas
um canto que a dor encerra,
porque descantes da terra
não são p'ra os anjos do céo !

Mas se te vejo, em soluços,
gemer no doce téclado
do teu piano adorado,
talvez teu unico amor,
as notas que delle arrancas,
meiga, implacavel sorrindo,
são gottas de mel cahindo
nas chagas da minha dor.

Bem sei

(A MUSICA E' CONHECIDA)

Adoro-a! Que sina! Colhendo ludibrios,
escravo só della na vida serei!
Não podem rigores matar-me este affecto!...
Não podem... bem sei!

Nem mesmo esperanças de morte propinqua
bafeja minh'alma, descrente de tudo!
E' esse o fadario dos bardos na terra ..
Bem sei... não me illudo!

E, pois, o que faço, proscripto vagando,
se as dores mais tredás já todas provei?
Espero que a morte me venha por ella?
Virá... eu bem sei!

Já meigos accordes não firo nest'harpa!
Meu estro embotou-se na dor, fiquei mudo!
Pensar que ella abriga no peito os meus carmes...
Por Deus... não me illudo!

Pois nunca os meus labios, nos trismos da morte,
dirão se por ella de amores penei!
Porque só dos homens teria um sorriso
de escarneo... bem sei!

De longe

(MUSICA DE E. VELHO DA SILVA)

Nossos sonhos, Armida, meu anjo,
minha só se tu fôras um'hora,
morreriam sem côr, desbotados,
porque o goso da terra os devora.

Essa flor ideal que na mente,
perfumando, resumbra candura,
murchará se a tocarmos de leve,
perderá sua essencia tão pura!

Antes quero que o estro me exalte,
com seu meigo, seu magico odor,
do que vel-a por nós arrancada
dos vergeis de platonico amor!

E, por isso, bem longe, meu anjo.
quero amar-te das sombras de um véo,
como o bardo que adora uma estrella,
que, saudosa, sorri-lhe do céo!

A's Estrellas

A's estrellas eu disse uma noite:
vós não sois, me parece, ditosas!
Essa luz que verteis, tristemente,
nos revelam ternuras dorosas!

Vós oraes em perennes tristuras?
Como os homens de certo soffreis!
Pois que lagrimas são essas luzes,
que, de noite, silentes, verteis!

Vós, que vistes os deuses nascerem,
precursores de nossos avós,
derramais esse pranto fulgente,
por soffrerdes tambem como nós?

Das irmãs, que parecem visinhas,
cada uma de vós longe está!
Essa chamma, vertida em silencio,
não consegue chegar até lá!

Vós choraes por sentirdes saudades
de outra estrella, que além vi brilhar!
Eu bem sei... eu entendo esse pranto...,
Sois das almas irmãs no penar!

Como vós, muitas dellas, distante
das irmãs que na mente estão perto,
solitarias, scintillam nas noites
do soffrer, em profundo deserto!

Penso em ti

(A MUSICA É MUITO CONHECIDA)

Penso em ti, quando vejo em céo sereno
meiga estrella isolada a scintillar,
quando a lua pensosa e macilenta,
merencorea e saudosa, beija o mar.

Penso em ti nessas horas tristorosas,
porque triste e bem triste é meu viver!
Ai, não posso, não devo, nem me é dado
dar-te um beijo de amor, depois morrer!

Penso em ti, nessas horas de saudades,
quando a noite a cahir, pezar traduz,
quando o môcho, gemendo, adeja e pouza
nos braços carcomidos de uma cruz!

—Impossivel! Não posso! Agora é tarde!—
Dos teus labios ouvi, n'um máu sonhar!
—Impossivel—direi, já quando a louza
para sempre do mundo me occultar!

Penso em ti, quando escuto a voz queixosa
de uma flauta a gemer em solidão!
quando escuto do leito o doce harpejo
de um choroso plangente violão!

Soluçando, na dor de atroz vigilia,
porque a esp'rança morreu, já não sorri,
nas caladas da noite, em horas mortas,
solitario e cançado, eu penso em ti!

O misanthropo

(MUSICA DA MODINHA
QUANDO DE NOITE, ALTA NOITE, ETC.)

Ai, se eu podesse, querida,
fruir comtigo esta vida,

na doce paz que convida
a cada vez mais se amar;
fugira rindo e contente,
do mundo ingrato, demente,
e nos teus braços, sómente
passara a vida a sonhar !

Dos homens sempre receio;
profundamente os odeio,
pois nos seus rostos eu leio,
baixeza, infamia e traição!
Talvez se um dia os deixasse,
no teu regaço encontrasse
conforto, alento fugace
de amiga consolação !

A vida é bem transitoria !...
Não rendo cultos á Gloria...
Que só me surge á memoria,
o negro espectro da dor !
Trocara tudo, eu te juro,
a vida, o goso, o futuro,
pelo que mais eu procuro :
por um momento de amor !

Se do talento a grandeza
tu prezas mais que a riqueza ;
se não te assusta a pobreza,
que aos fortes opprime em vão;

fujamos desta tyranna
sociedade profana,
e ergamos uma choupana
nos ermos da solidão!

Barcarola

Cae a noite. O firmamento
com seus astros já se arreia!
Como o mar vem, somnolento,
soluçar na branca areia!

Desce á praia, e vem commigo
divagar sem rumo... à tôa!
Este mar é teu amigo,
quer-te bem esta canôa!

Eu, sem ti, das vagas temo,
sem das vagas ter pavor!
Ai!... vem dar alento ao remo
do teu pobre pescador!

Quando estou comtigo, Isbella,
sempre a noite tem poesia!
Olha a brisa, que harmonia
tem, beijando a branca vela!

Dormem quietas estas aguas,
quando eu gemo, na viola,
deste amor as fundas maguas,
em saudosa barcarola.

Mas não vens ?!... Aura fagueira,
não me escuta a ingrata Isbella !
Quero as furias da procella...
Corre, ó barca feiticeira.

A brisa

(MUSICA DE E. VELHO DA SILVA)

A brisa passa entoando
cadentes trovas de amor !
E' mensageira de beijos,
que leva de flor em flor.

A' rosa conta as saudades
que um lyrio por ella sente,
e ao resedá diz as maguas
da rosa meiga, innocente.

Leva uns suspiros ao cravo,
penhor de eterna alliança,
e diz que a rubra cravina
não perde delle a lembrança.

Té mesmo leva ás estrellas
Umas saudades que as flores
Sentirem parece á noite,
chorando, um pranto de odôres!

Leva á pastora, na choça,
do pegureiro a canção!
Leva um soluço da flauta,
gemendo na solidão!

Só tu, tão longe do bardo,
não sabes que aqui deliro,
porque não tenho quem leve
ao teu regaço um suspiro!

O' brisa, que passas rindo
na flor e na rocha núa,
que trazes lembrança á terra,
e levas lembrança á lua...

Attende os rogos do amante,
das minhas dores tem pena,
e leva um cesto de angustias
á minha ingrata morena!

O crepusculo

(MUSICA DA MODINHA—O CÉO RECAMA-SE...)

Desce o crepusculo!
A tarde é calida!

A lua pallida
nascendo vem!
Com brilho timido,
mas bella e vivida,
Venus tão livida
desponta além!

O brando zephyro,
de odores ávido,
de manso e pávido
no doce arfar,
no lyrio candido,
na dhalia angelica,
na rosa celica,
vem beijos dar!

Hora tão placida
me faz scismatico!
E choro extatico,
na solidão,
as quentes lagrimas
nas faces humidas,
que emergem tumidas
do coração.»

— Bardo noctivago —
tredo e pathetico,
o môcho ascetico,
que foge á luz,

solfeja a funebre
canção já chronica,
com a noite harmonica,
collado á cruz !

Carpindo gélido,
penoso e metrico,
o sino tetrico,
nos lembra a dor !
Volvo ao preterito,
della no cumulo,
e vejo o tumulo
do nosso amor !

Teus Olhos

(MUSICA DA MODINHA — OS TEUS OLHOS NEGROS, NEGROS, ASTROS DE MEIGO CLARÃO)

Ao Senador Dr. Thomaz Delfino

Não me volvas os teus olhos,
que mais ferem do que settas,
esses dois trêdos escólhos,
onde perdem-se os poetas !
Se minh' alma jaz captiva
desse olhar tão seductor,
como queres tu que eu viva,
se dá morte, em vez de amor ?

3

Quando um raio me arremessas
desses olhos tão tyrannos,
leio n'um doces promessas,
n'outro eu leio uns desenganos!
Eu não sei que sinto n'alma,
quando os volves para mim!
O clarão da argentea lua
não reflecte n'alma assim!

Volve-os, volve-os por piedade,
mas abranda o seu fulgor!!
Sinto, ao vel-os, a saudade
de um cançado e findo amor!!
Mas, se a flamma que elle encerra,
não abrandas tu n'um véo,
ai!... por Deus, foge da terra...
vai viver, anjo, no céo!!

A canção do Africano

A' João de Azevedo

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor!

Ai, como eu sei te amar,
e sei querer!
Ai, como é triste andar
a padecer,

longe dos meus, do lar,
e não te ver,
ao lado meu, feliz!

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor!

Não sinto o negro crime
da escravidão,
nem quanto *Zambi* (1) exprime
de maldição,
mas sinto a dor que opprime
meu coração,
ao me lembrar de ti!

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor!

Eu choro o meu destino,
o fado meu,
vagando aqui sem tino,
porque morreu
aquelle *innan* (2) divino,
que, ao lado teu,
me fez da terra um céo!

Martha meu amor,
ouve o teu cantor!

(1) Deus
(2) Amor

Eu sinto acerbo espinho
ferir-me aqui,
longe da *inzó* (3), o ninho
em que nasci,
longe do teu carinho,
longe de ti,
longe da patria.. oh, dor !

Martha, meu amor !
ouve o teu cantor !

Quando o luar prateia
a solidão,
e o *banzo* (4) atroz golpeia
meu coração,
meu *xequeré* (5) anceia
n'uma afflicção
que só entende o mar !

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor !

Minha *Jupá* (6) tão bella,
de almo scismar,
A minha dor revela,
o meu penar,

(3) Choça.
(4) Saudade da patria, nostalgia.
(5) Especie de marimba.
(6) Lua.

quando, pensando nella,
vens relembrar
o meu primeiro amor !

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor !

Ai, Congo meu fagueiro,
tempo feliz !
Ai, meu amor primeiro,
que bem te quiz !
Eu beijo, prazenteiro,
a cicatriz
desta saudade atroz !

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor !

Astros do céo nublado,
porque choraes ! ?
Ai, peito meu, cançado,
cala teus ais !
Meu coração maguado,
não chores mais,
que ella é feliz... talvez !

ESTRIBILHO

Acolhe, ó patria amada,
os filhos teus !

Adeus, Martha adorada,
ó Martha, adeus!
Na *cunga* (7) idolatrada,
nos cantos meus,
tu has de ser sempre lembrada!...
ó minha Martha! Adeus!...

PEQUENA ADVERTENCIA

Esta canção é cantada com a musica do Batuque, do maestro H. de Mesquita. Todos os versos, salvo o estribilho, que é cantado com a musica da segunda parte, pertencem á primeira e no final de cada verso da primeira parte, deveis dizer tres vezes—ai, Martha—e, no final da terceira,—Amor! A musica está escripta para piano, e exposta á venda. E' uma das mais bellas composições do glorioso maestro.

Recordações

LUNDU'

MUSICA DA POLKA — ATTRAHENTE

Fui bilontra decidido,
por pagodes fui perdido!
Nunca houve um folgasão
mais amante do violão.

---

(7) Canção, dança.

Já passei noites inteiras
no furor das bebedeiras...
Muitas vezes pelo dia
prolongava-se a folia !

Mas, por fim, hoje casado,
fiz-me á força comportado !
Eu que andava tão contente,
fui prender-me na corrente !
Eu que achava sempre ensejo
de nas bellas dar um beijo,
fui casar-me c'uma *trouxa*,
velha e feia, além de côxa !!

De ser bella ainda sonha,
já perdeu toda a vergonha !
Inda quer empomadar-se...
De vermelho pinta a face !
Seu nariz parece um paio !
Fala mais que um papagaio !
Olhos cheios de remela !
Sua bocca é uma gamella !!

Quando fala cospe a gente,
quando ri, fica indecente !
Mostra a bocca desdentada...
Velha, horrivel, descarada !
Deus ficando mal commigo,
quiz me dar este castigo !
Moço, bello, folgasão,
não supporto tal canhão !

Muito bem faria ella,
se esticasse hoje a canella,
e dormisse o somno eterno
nas caldeiras lá do inferno!
Hoje, alfim, choro sosinho,
quando escuto a voz de um *pinho*,
que recorda com saudade
minha bella mocidade!

Choro o tempo das ceiatas!
choro as boas serenatas!
Choro o baile, e a pagodeira,
mais que tudo, a minha asneira!
Vou pagando os meus peccados
desses tempos já passados!...
Eu, mais vario do que o vento!...
tão contrario ao casamento!!

Ai!
Quem diria, (1)
pensaria
supporia,
na folia,
que me via
noite e dia
mudaria,
casaria
c'uma harpia...

(1) Este estribilho deve ser cantado com a musica da 2ª parte da polka.

pois dizia
que a alegria
na orgia
consistia !?

O Philosopho

A UM POETA DA ACTUALIDADE

Ora, que importa que os homens
me chamem de vagabundo !?
Não vejo insulto no termo,
se a origem sua approfundo.

Não dizeis mais que a verdade,
porque o sufixo — bundo —
exprime augmento, abundancia !
Aos dictos da plebe estulta
jamais eu ligo importancia.

Que sou, vagando contente
nas ruas desta cidade,
philosophando á vontade
no goso de um *far niente* ?

Sou vagabundo, de certo,
porque de noite e de dia,
o peito aos ventos aberto,
percorro leguas inteiras
e sinto nisto alegria !

Mas, dizei : — nas bebedeiras
que tomo constantemente,
porque ellas fazem-me bem,
já viste-me, impertinente,
ferindo, maguando alguem ?

Tomo porrios, mas, calado,
vou seguindo meu caminho,
firme, quieto, socegado,
cheirando a cachaça ou vinho ?
E, se, á noite, já cançado,

completamente *chumbado*,
me estiro nalguma esquina,
que importa ao homem que passa,
se o porrio foi de cachaça
ou foi de bebida fina ?

Que importa se esta cabeça
descança na pedra dura
dos lamacentos caminhos,
se eu não invejo a ventura
do nobre em leito dourado,
coberto de niveo véo,
se a lama tem a doçura
dos setinosos arminhos,
e, em somno lerdo, pezado,
de fresco orvalho banhado,
eu penso que estou no céo ?!!

Ora, adeus !... A vida é esta !

Sem dor, sem magua ou tormento,
a vida do pensamento
é mais sã, mais pura e honesta.

Rides, de certo, das vestes
que eu trago em cima de mim!
Trajae-vos galantemente,
que apraz-me trajado assim.
As minhas botas rasgadas,
sem salto já, descambadas,
repletas de ingentes furos,
vos fazem rir! Ha quem diga
que existem muito melhores
e menos esbodegadas,
nas ruas, pelos monturos!

São frouxas? Não me molestam?
Trago-as, garboso, no pé!
As brisas sopram fagueiras
nas boccas de jacaré!!

E meu chapeu?! Massa informe,
direis vós... esburacado!
Pois é melhor do que o vosso,
por ser fresco e ventilado!

Conservo-o bem ha dez annos!

Meu paletot, como vedes,
tem grandes furos horrendos!
Melhor o trago, mais leve,
não vão commigo os remendos!

A minha calça, uma herança
de um velho e pobre doutor,
já teve a côr da esperança,
mas hoje não tem mais côr!
Não tem mais côr, assim digo,
porque mil côres contém!
Sebacea, com sua crosta,
maior valor p'ra mim tem!
Essa espessura sebosa
vae conservando-a mui bem

O meu collete está velho,
mas sempre fiel amigo!!
Agora, as meias?... Confesso!...
Têm um cheiro!!... Não, não digo!

Silencio ao cheiro, vos peço!

Talvez digaes que embriaga,
que em si miasmas resume
mas, quando o sinto mais forte,
p'ra mim se torna um perfume!

Que cheiro!!!... Que essencia vaga!!!...

Trago os cabellos revoltos,
crescidos, sempre eriçados,
segundo a sua vontade!
Meus versos são inspirados,
e nascem todos envoltos
nas faxas da liberdade!

Pois eu tambem faço versos,
sonetos bem burilados,
que, é pena ! rolam dispersos,
porque não são publicados !

Julgaes, porèm, que meus cantos
são dedicados ás Venus,
que a vós supplantam, senhores?
Estaes de todo enganados!
Os meus poemas serenos...
as minhas trovas mais bellas,
são consagradas ás flores,
á brisa, ao mar, ás estrellas,
á lua casta e formosa,
que inspira amiga paixão,
e a quem, de noite, ao relento,
reflectindo o mago influxo
no fundo do pensamento,
envio a minha canção !

P'ra mim, vos digo, a mulher
é traste sem serventia !
Não vejo nella, siquer,
cousa que tenha poesia !
Só dá trabalhos, canceiras,
desgostos fundos ao homem...
Oh!... não!... mulheres!... Não temo
que os vossos olhos me domem !

Encantam-me as maravilhas
infindas da natureza,

que são de Deus tambem filhas,
portentos de gentileza,
das quaes a vossa belleza
fica longe e muito áquem !
Desprezo, voto ás mulheres !
aos homens, odio profundo !
Apraz-me a doce apathia !
Adoro a philosophia ! !
Por isso aqui neste mundo
vivo alegre e vivo bem ! ! (1)

Um segredo

A MUSICA É ORIGINAL

Tenho n'alma um segredo que encerra
mais abysmos que o leito do mar !
Cem mil annos que eu viva na terra
meu segredo hei de sempre guardar.

Tenho medo das brisas, das aves,
dos regatos, dos ninhos, das flores,
do silencio da noite, da lua,
do romper d'alvorada em fulgores !

---

(1) O complemento desta poesia está no meu ultimo livro— A Lyra Brasileira.

Tenho medo das vagas que beijam
languorosas o seio da praia !
Tenho medo das vozes de um'harpa,
quando aos dedos de um anjo desmaia !

Só quem sabe o segredo que eu guardo
nos recessos dest'alma penada,
é nos céos uma estrella tão meiga
que só brilha ao romper d'alvorada !

Sou eu

MUSICA DA MODINHA—EU VI-TE, SORRINDO, VOANDO
NA WALSA

Se, em meio da noite,
colmada de encantos,
ouvires uns cantos,
de fundo tristor,
escuta os suspiros
dorosos, magoados,
do peito exhalados...
Sou eu, meu amor !

Se ouvires um threno
que angustias acalma,
soluços de um'alma,
prostruda de dor,

acolhe em teu peito
queixumes que eu guardo !...
Não fujas do bardo !...
Sou eu, meu amor !

Se ouvires nas azas
das auras olentes,
descantes plangentes
de cruceo amargor,
vem vêr ao silencio
quem maguas revela...
Descerra a janella...
Sou eu, meu amor !

Té mesmo se ouvires
um echo, um lamento,
já falto de alento,
da lua ao pallor,
descança em teu peito
purissimo, ethereo,
do bardo o psalterio,
meu anjo de amor !

Vingança

MUSICA DE E. VELHO DA SILVA

Se muito te adoro, se peno, se soffro,
prementes angustias de insana paixão,

das turbas estultas as maguas occulto,
não quero do vulgo me expôr á irrisão.

Lamentos, queixumes de amor desditoso !...
Dolencias, torturas de celico amor,
não podem casar-se co'as vozes mundanas...
Só posso, só devo contal-as á dôr !

E nem a ti mesmo, que és causa dos males
que vão-me a existencia bem breve acabar,
a ti, a quem sagro ferventes extremos,
não quero, importuno, martyrios contar !

Bafeja os tormentos que soffro, calado,
bemdicta esperança de as maguas findar,
que a morte piedosa tem mais caridade...
Bem cedo os meus dias virá rematar.

Acorda

MUSICA DA MODINHA — AMA A LUA A BRANCA VAGA

Vem ouvir a voz queixosa,
minhas trovas vem ouvir !
Geme a lyra suspirosa...
Não são horas de dormir !

Ouve o canto triste e rude
do teu rude trovador !
São as notas do alaúde,
quando o punge antiga dôr !

São as horas encantadas
de falar do nosso amor !
As estrellas, namoradas,
se namoram no fulgor.

Olha o mar na rocha erguida
dando um beijo com fragor !
Só não tens pena, ó querida,
do vencido trovador !

Ama tudo cá na terra,
lá nos céos, com mais ardor !
Todo o peito amor encerra...
Que é da vida sem amor ? !

ESTRIBILHO

Vem n'um beijo meigo e terno,
dar alento ao trovador !
Eu te juro amor eterno...
Vem jurar-me eterno amor !

Vem !

MUSICA DA MODINHA — QUE LINDOS MATAMES

Vem ver como é doce,
por noite saudosa,
a voz tristorosa
de um terno violão !

A lua, em quebrantos,
inspira divina !
A dôr é que ensina
gemer na canção !

Talvez, repousando
no flaccido leito,
emquanto meu peito
lacera-se aqui,
nem penses que existe
na terra exilada,
um'alma prostrada,
que morre por ti !

Gemi todo o dia
sem ver-te, pensoso,
e agora, saudoso,
descanto de amor !
Oh, dá-me um sorriso
dos labios sómente...
Talvez acalente
no peito esta dôr !

A lua, em quebrantos,
inspira divina !
A dôr è que afina
meu triste violão !
Vem ver como é doce
achar quem acoite
no meio da noite
do bardo a canção !

Hercilia

MUSICA DA WALSA — MINHA ESPERANÇA

A tua imagem, Hercilia,
quando eu padeço no leito,
na febre atroz da vigilia,
vem consolar o meu peito!
Vem relembrar essa idade
em que passei a teu lado!...
E então mais vibra a saudade
do inolvidavel passado!

De nosso amor nada resta
mais que uma triste lembrança!
A mão da morte, funesta,
roubou-me toda a esperança!
De teus carinhos privado,
sem ter um riso, um conforto,
padeço agora isolado...
Sou qual espectro de um morto!

Por isso, na atroz vigilia,
no eculeo de acerba dôr,
a tua imagem, Hercilia,
recorda o tempo do amor!
Ai! dessa passada gloria,
que na saudade transluz,
só resta a pedra marmorea
e o vulto negro da cruz!

ESTRIBILHO

Esta dôr, que nada acalma,
que a tristeza assim me inspira,
gera os threnos de minh'alma,
nos soluços desta lyra!

Senhorita

MUSICA DA MODINHA — OS OLHOS AZUES

Ao coronel M. Martins

Na lyra de amores, a ti consagrada,
nos tristes descantes que inspira a desdita,
lenindo as saudades da vida passada,
desfaço-me em prantos por ti, Senhorita!

No mesto silencio da noite, que desce
de ethereos espaços que a mente cogita,
minh'alma, se alando nas azas da prece,
soluça uma endeixa por ti, Senhorita!

Amei-te, fervente, n'um culto divino!...
Na vida comtigo cifrei minha dita!
Porem quiz deixar-me o horrento destino
no exilio da terra sem ti, Senhorita!

Depois que trocaste por leito funereo
teus dias, tão breves, na terra maldicta,
a dôr da saudade se fez um cauterio...
Nem sei como eu vivo sem ti, Senhorita!

Se afino esta lyra, que a ti foi votada,
meu canto é transumpto de magoa infinita,
que a lyra do bardo, de crepe velada,
somente suspira por ti, Senhorita!

Com ella abraçado, da morte no adejo,
fugindo da terra, que a dôr só habita,
quizera, vibrando o meu ultimo harpejo
dizendo o teu nome, morrer, Senhorita!

A Mulata

LUNDU'

Ouço gabar desde a infancia
como rainha a franceza!
Seus modos são, seus requebros,
requintes de gentileza.

O mundo inteiro apresenta,
como deusa soberana,
dentre todas as mulheres,
a *fanciulla* italiana.

Alguns, porém, que em assumptos
do *Bello* têm outra eschola,
elegem dentre as mais bellas
a donairosa hespanhola.

A russa, a turca, até mesmo
a triste, insulsa chineza,
são elevadas ao solio,
em que preside a Belleza!

Mas eu, que adoro a suprema
perfeição da deusa ingrata,
proclamo como a primeira
a terna, a doce mulata !

Só ella em horas penadas,
da lyra em soccorro vem !
As trovas que ella me inspira,
têm o calor que ella tem !

Ultima Esperança

MUSICA DO LUNDU' — MEU QUERIDO MOCETAO

Já perdi toda a esperança
de vencer o teu rigor !
Este peito não se cança
de jurar-te infindo amor !

Tenha embora um outro a palma,
bemdirei o meu soffrer !...
Este amor que punge n'alma,
morrerá, quando eu morrer !

Teu falar arrouba a mente,
teu sorrir tem seducção !
Teu andar *machuca* a gente...
Faz captivo o coração !

Mas dos olhos tenho medo,
fujo delles com pavor !...
Ai ! não mates já, tão cedo,
teu magoado trovador !

Gyra, incerto, o pensamento
desde a tarde em que te vi !
Este peito, em desalento,
só respira juncto a ti !

Geme o bardo teu, captivo
dos fulgores desse olhar !...
E'-me a lyra um lenitivo...
Deixa a lyra soluçar !

Minhas trovas, sem poesia,
não te inspiram compaixão !
Quem me dera uma harmonia
que te fosse ao coração !

Mas o peito não se cança
de jurar-te amor sem fim ! !...
Ai ! Morreu minha esperança !...
Quanto é triste amar-se assim...

Eterna dôr

MUSICA DE E. VELHO DA SILVA

Se muito te adoro, se peno, se morro,
se educo esperanças, depois que te vi,

guardando na mente teu rosto adorado,
não conto os martyrios que soffro por ti!

Conservo as promessas que ouvi de teus labios
n'um tempo ditoso, no tempo do amor!
Se labios extranhos proferem teu nome,
palpita a saudade, renasce-me a dôr!

Guardei no sacrario d'est'alma insulada
protestos mentidos que outr'ora te ouvi!
Melindres de affectos, tão puros, tão castos,
ninguem póde dar-te como eu dei a ti!

Agora é bem tarde! Não posso esquecer-te!
Que importa á minh'alma brandura ou rigor?
Perdido, ceguei-me do amor na vertigem,
mas, crê-me, assim mesmo bemdigo esta dôr!

Barcarola

O sol tombou. A noite
distende o tredo manto!
A lua surge, emtanto,
envolta em seu pallor!
O mar é calmo. Agora,
apenas sussurrante,
parece á quieta amante
contar a eterna dôr.

No azul do firmamento
estrellas fulgem bellas!
Nas minhas pandas velas,
favonios vêm brincar!
E como o mar n'arêa
descanta ao vêr a lua,
eu vendo a imagem tua,
tambem hei de cantar!

Meu Deus, que noite augusta!
Não tardes, bella Armia,
que a tua companhia
accende o meu vigor!
Sou tão feliz, ditoso,
se vejo-te a meu lado,
com teu sorriso amado,
teu rosto encantador!

A onda, que, raivosa,
em sanha destemida,
tentar roubar-me a vida,
nas aguas me occultar,
verá, de prompto, a furia
em calma transformada,
se tu, serrana amada,
lançares-lhe um olhar!

Scindindo as crespas vagas,
as longas horas marco,
deitado no meu barco,
chorando o fado meu!

E a lua e as estrellas,
e o mar enfurecido
que vezes têm ouvido
dizer o nome teu !

Se a noite é de tormenta,
se ruge a tempestade,
se avulta a escuridade,
se geme o vento além,
se a morte avisto perto,
no fundo da voragem,
sómente a tua imagem
em meu soccorro vem !

Agora vem dizer-me
se tens de mim piedade,
se a minha fealdade
já não te inspira horror !
Oh ! Dá-me uma esperança !...
De um desengano eu temo !...
Vem dar alento ao remo
do pobre pescador !

Saudades do ninho

MUSICA DA MODINHA—QUE SORTE, QUE SINA

Ao distincto poeta Xavier Pinheiro

Envolta em saudades
a noite já desce !

No valle adormece,
queixoso o regato !
As aves, que andaram
aos pares errando,
já vão procurando
seus ninhos no matto !

Os montes se cobrem
de manto alvacento,
a fonte, ao relento,
mais terna deslisa !
A relva não sente
do sol os queimores...
Revivem as flores
aos beijos da brisa !

As mattas florentes
olores trescalam !
Dos bosques se exhalam
sylvestres perfumes !
A lua desponta
tão meiga, tão bella...
sómente eu por ella
soluço queixumes !

Eu vivo chorando
seus ternos affagos,
á beira dos lagos,
nos calvos rochedos,

nas grotas sombrias,
nas sebes virentes,
fieis confidentes
dos nossos segredos !

Parece que tudo
de ouvir-me se esquiva !...
Que a dôr mais se activa
no peito maguado !
Aos montes, ás veigas,
ás rosas, aos lyrios,
que importam martyrios
que eu soffro, isolado !

As aves, cantando,
do exilio chegaram !
As rolas voltaram
á veiga mais bella !
Revestem-se os troncos
de novos verdores...
Voltaram as flores,
não volta só ella !

Com ella habitava
na velha mangueira,
fiel companheira
do nosso carinho !
Acerbas saudades
compungem-me o peito...
Nem sei o que é feito
do meu pobre ninho !

O' brisas fagueiras,
que vindes dos montes !
O' placidas fontes,
repletas de amor !
Guardae bem no fundo
do peito estas maguas !...
Envolta nas aguas
levae-lhe esta dôr !

Harpa desafinada

A MUSICA E' MUITO CONHECIDA

Nas cordas já frouxas e debeis dest'harpa
por vezes intento cantar-te a belleza,
mas tudo é debalde, que o peito me farpa
pungente acicate de acerba tristeza !

Se magos preludios, meu anjo, eu desfiro
que, meigos, se casem com trovas de amor,
dizendo o teu nome, desprendo um suspiro,
descaio em soluços na clave da dôr !

Pois como tu queres que eu cante de amores,
pairando nos céos em que, alegre, te libras,
se a mais acerada de todas as dôres
do peito doroso lacera-me as fibras ?

Tu choras se escutas uns cantos vibrantes
que os bardos felizes só podem ferir !...

Mas threnos maguados, funereos descantes
do bardo inditoso não queres ouvir!

Mas se inda desejas ouvir-me, ditoso,
nos dulios concentos blandicias cantar,
concede-me, ao menos, um riso enganoso...
Talvez eu consiga minh'arpa afinar.

Queixumes

MUSICA DA MODINHA—EU SEI QUE O AMAS MUITO
E MESMO MUITO

Nas aras de amor puro, achrysolado,
depuz meu coração, sagrado a ti!
Eu nasci para amar-te desprezado,
para ser teu escravo eu já nasci!

Pensei que o teu amor me fosse eterno,
depois de tantas maguas padecer,
mas hoje em vez de céo, eu tenho o inferno,
tenho a dôr eternal de te perder!

Agora o pobre peito, sem ter calma,
eterno ha de gemer, oppresso em dôr!
Este affecto adheriu ás fibras d'alma...
Já ninguem arrancar póde este amor!

A' noite, em ti pensando, inda teu nome
minh'alma, em contricção, baixinho o diz!
Prefiro esta saudade, que consome,
a qualquer outro amor terno e feliz!

ESTRIBILHO

Não sei qual seja o nome deste affecto,
se é amor, se é paixão, ou se é loucura!
Eu só sei te dizer que a dôr o nutre,
e, quanto mais o fere, mais o apura!

Velando

A noite corre em socego,
a lua fala de amor!
Vem emprestar ás estrellas
dos olhos teus o fulgor.

Vem, que o silencio nos fala,
não te demores no leito!...
Dizer-te quero os martyrios
que ha muito ralam-me o peito!

Desta afflictiva saudade,
que o imo d'alma devora,
nasceram-me estes queixumes
que tu não ouves agora!

A noite corre em socego,
a lua fala de amor!
Tu ès a estrella da terra...
não tardes com teu fulgor!

Mas tu não vens, não despertas!
Cerrada a janella tua!
Dorme, dorme, que eu te choro,
contando as maguas á lua!

Teu nome

Muitas vezes tracei o teu nome
n'alva areia das ribas do mar,
mas as vagas, talvez de ciumes,
vinham prestes teu nome apagar.

Esculpi-o no tronco rugoso
de uma velha mangueira copada,
mas, uns dias depois, vim achal-a
pelos euros no chão derribada!

Escrevi-o nas pet'las dos lirios
olorosos, com ternos affagos,
mas na hora em que o sol se sepulta,
vio-os murchos á beira dos lagos!

N'uma lagem da rocha gravei-o,
onde o imperio do Tempo não medra,

5

e parti ; mas, volvendo a teus lares,
não achei uma lettra na pedra !

Hoje, alfim, convencido que o Tempo
té no marmore as lettras consome,
entalhei com o punhal da saudade
bem no fundo do peito o teu nome !

Minha viola

LUNDU'

Minha viola adorada
tem sons que fazem chorar,
quando suspira, maguada,
por longe *della* se achar.

Não tem aquelle trinado,
nem o sestroso derriço
que tem, quando geme ao lado,
da cabocla — o meu feitiço !

Se algumas vezes intento
um peito alheio ir ferindo,
desvenda o meu pensamento,
e vae as cordas partindo !

Commigo *ralha*, condemna
a minha astucia baldada !
Parece mesmo a morena
quando amanhece arrufada !

Minha cabocla é tão bôa !...
Doce qual favo de abelha !
E' brava como a leôa,
é mansa como uma ovelha !

Minha viola ! Commigo
á campa irá, trovadores !
No fundo do meu jazigo
eu quero cantar de amores !

As almas

AO DR. MANOEL HERMENEGILDO DE MORAES

Canção

São bem felizes os labios...
nos beijos se vão collar !
Os peitos podem, ligados,
seus suspiros misturar !

Os corações são ditosos :
palpitam juntos, fallando !
Tambem confundem-se os braços :
são felizes se enlaçando !

Os dedos tocam-se ! Os olhos !
se podem ver mutuamente !
As faces prendem-se aos labios
na flamma de um beijo ardente !

Mas nossas almas, chorando,
padecem sempre isoladas ! !
São chammas em toscos vasos
eternamente encerradas !

Dessas prisões vivem tristes
uma por outra a chamar !
Adoram-se, irmans se sentem...
mas não se podem ligar !

Affirmam sabios, Armida,
que as almas são immortaes,
que affim transformam-se em anjos
das côrtes celestiaes !

Antes quizera que as nossas
um breve instante vivessem,
e, ligadas, juntas, unidas,
no incendio do amor morressem !

Feliz Aventura

PROSA E VERSO. A MUSICA É A DA MODINHA—AO VIRAR DA ESQUINA, EU VI EM LISBOA, UMA RAPARIGA CATITA E BEM BOA.

Um caso eu vos conto que, se bem me lembro,
passou-se ha dous annos, no mez de Novembro.
Fazia um tremendo calor de rachar !...
Vagava nas ruas, sem rumo, a flanar.

Como vos dizia, o calor era insupportavel ! Fatigado pelo trabalho do dia, buscava desesperadamente um logar nesta vasta Capital, onde pudesse respirar mais livremente ! O acaso levou-me ao Passeio Publico. Entrei. E...

Buscando de prompto matar o cançaço,
fui logo assentar-me n'um banco; ao terraço.

Cahia a noite. A banda dos allemães gemia n'uma saudosa mazurka, e o mar, calmo, apenas sussurrante, beijava mansamente a argentea areia. Aquella mazurka me fez tantas recordações, que eu busquei um cantinho mais solitario, onde pudesse dar desafogo ás saudades que me opprimiam o peito ! E, com a mais selvagem franqueza, confesso:

As gottas do pranto banharam-me as faces,
saudades bem tristes de amores fugaces !

Porque fazia justamente dous mezes, naquelle dia, que a minha idolatrada Isaltina, não sei porque, me havia barbaramente abandonado !

A mim, que me desfazia em carinhos, que dava a vida por ella !

Os poetas nunca experimentaram amor tamanho ! Nunca, porque elles só sabem amar nas estultas metaphoras, não sentindo o que dizem.

Nestas cogitações decorreram as horas.

E o espirito, lasso do labor intellectual, e o corpo, fatigado pelo trabalho material ; com as frescas brisas que

osculavam-me a fronte e encrespavam as aguas, fui, pouco a pouco, cerrando os olhos, quando...

> Por entre cochilos, em calma postura,
> de Venus formosa vi longe a figura!

Meia noite soava. Ha muito que os encalmados se haviam retirado! Olhei em derredor e vi que estava só!

Pois que!! A'quella hora, naquelle silencio e solidão uma mulher!!

Creiam-me que julguei que fôsse alguma apparição do Dante, a sua Beatriz, talvez! Toda de branco assim! Formosa e bella! Precipitado levantei-me e...

> Ir della ao encalço foi obra de um prompto,
> e agora, ó senhores, o resto vos conto.

O coração queria saltar-me. Comprimia-o, como lhe pedindo calma, e estuguei o passo! Meu Deus!

Não me illudem os olhos! E' bella como uma deusa de Praxiteles! Formosa, pura e casta como a celestial Fornarina! Quem será esta deidade? Virá desprender a estas horas suas queixas de amor trahido, ou será a divindade que vem abençoar-me, inspirar-me, guiar-me neste logar, solitario agora?!

Ai! Tudo perdido! Não vi, nestes devaneios, que me approximava della, pois que...

> Assim que avistou-me, fez meia carreira,
> desceu as escadas esquiva e ligeira!

"Ah! Não! Tu não me fugirás! E's minha!! Corre e vôa, que eu corro e vôo atraz de ti!.,, Estas palavras foram

proferidas baixinho e com a rapidez do raio. Apressou os passos, apressei os meus tambem.

Chegando a uma certa distancia, parou! Como desse logar ella podia me ouvir, ajoelhei-me e, supplice, abatido, prostrado, solucei :

O' Venus, o' deusa formosa, erradia,
se tu me escutasses, ditoso eu seria!
Não corras! Não fujas! Não tenhas pavor!
Quem quer que tu sejas, eu juro-te amor!

Aqui dilacerou-se-me o coração, porque, depois de palavras tão repassadas de sincero devotamento, ouvi afinal de seus labios, de cherubim talvez, asperas e tremendas desillusões!

"Que deseja? Não se conhece? E' favor não me importunar! Não sou quem pensa!»

Pois eu, moço decente, cavalheiro distincto, supportar esta bomba insultuosa!!

Quiz reagir, porque, além de tudo isso, disse mais : "Não se enxerga?,,

Moderei-me, dando esta resposta, ao pé da lettra. Estavamos n'um logar escuro, ensombrado pelas arvores..

Bem sei, não me enxergo! tambem não te vejo!
Se acaso resistes, eu furto-te um beijo!

A resposta a esta ameaça foi tão energica que eu, fulminado, cahi redondamente no chão, vencido, prostrado, arquejante! Cinco minutos depois, recobrando os sentidos, errei como um louco, como um possesso, como um energúmeno por todo o Passeio Publico, sem encontral-a!

Cançado, fatigado, succumbido, já soluçava de desesperança quando, de longe, lobriguei o seu porte airoso e era ella! Estava sentada perto do portão de sahida! Seu divo, angelical, seu cherubineo rosto, não podia vel-o! Mas a luz do lampeão tinha scintillações deslumbrantes no seu vestido, branco como o arminho!

Ajoelhei-me e agradeci, de longe mesmo, a Deus. E disse tremulante:

Vou ver-te, beijar-te! Não foges-me agora!
Que amor tem brandura, mas queima e devora!

E... Zás!... Corri! Nem se moveu!! Precipitei-me!!.. Oh! Que horror! Que decepção amarga! Apavorado, assombrado, recuei!!! Pois bem:

Senhores! Agora que ouvistes a historia,
guardae-a, bem fundo, na vossa memoria!
Rançoso perfume, de activo fartum,
de velha megera cobria o bodum!!

Saudades de Maura

Imitação

MUSICA DA MODINHA DO MESMO NOME

Tenho saudades de Maura,
de Maura terna e formosa,
daquelle tempo de amores,
daquella quadra saudosa!

Tenho saudades dos beijos
á luz da lua furtados !...
Das brisas que doudejavam
por seus cabellos dourados !

Tenho saudades da choça,
mimoso ninho de amores...
onde se ouviam descantes
dos roceiros trovadores !

Tenho saudades da lua,
que lhe escutava os queixumes,
quando a viola chorava
por entre agrestes perfumes !

Tenho saudades das flores,
debruçadas na janella,
do seu banquinho ao terreiro...
de tudo quanto era della..

Da sua canção plangente,
que a meiga esp'rança restaura...
De Maura tenho saudades...
Tenho saudades de Maura !

Gosto de ti

A MUSICA, QUE E' DO MEU AMIGO BILHAR, JÁ ESTA POPULARISADA

Gosto de ti, porque gosto,
porque meu gosto é gostar,

mas tu de mim não te lembras...
Por que me fazes penar ?

Ausente de ti, distante,
não posso a vida soffrer !
Sentindo tantas saudades,
como é possivel viver ?

Gosto de ti, por que te amo,
porque meu gosto é te amar,
mas não te lembras, ingrata,
que eu vivo longe a penar !

As noites passo velando,
os dias passo a gemer !
Sentindo tantas saudades
como é possivel viver ?

Que tu me est'mes devéras
meu coração não mais crê...
Gosto de ti, porque gosto,
sem mesmo saber porquê.

A primeira quadra não é minha. Como a musica, que é do meu amigo Bilhar, é bellissima, escrevi as quatro que se lhe seguem.

A CREOULA

MUSICA DO LUNDÚ — QUEM SERÁ ESTA BRANQUINHA, QUE NÃO QUEIRA SER MULATA

Não faz-me inveja a mulata,
nem a branca brasileira,
pòrque não têm mais encantos
do que a creoula faceira.

Quando cáio
n'um fadinho,
trago o branco
no beicinho.

Meus olhos tambem desprendem
a luz que os peitos maltrata,
por isso a branca me odeia,
me odeia a fatua mulata.

Esses odios,
não sou tola,
são invejas
da creoula!

Eu ando por essas ruas,
com toda a seriedade,
picantes dictos ouvindo
dos labios da mocidade!

Homens velhos,
graves, sérios,
me sacodem
seus dictérios.

Pois sendo preta *retinta*,
mais preta que a escuridão,
conheço os castos amores...
Sou branca de coração!

Mesmo a bôa
da senhora
xinga o amo,
que me adora!

Se walso, sou qual gaivota,
que á flôr dos mares deslisa,
pois meu pésinho mimoso
o chão da sala mal pisa.

Geme a flauta,
soluçando!
Já não danço...
Vou voando.

Eu canto as minhas modinhas,
e disso muito me ufano,
melhor que a dona prendada,
cantando ao som do piano.

Geme e chora,
coração,
nos quebrantos
do violão ! ! !

Ao ver-te

A MUSICA É CONHECIDA

Eu não sei o que te diga,
rapariga,
quando lanças-me um olhar !...
Tua bocca nacarada,
perfumada,
tem perfumes de matar !

Eu nem sei mesmo o que penso...
me convenço
que não ha no mundo, não,
uma bocca tão formosa,
côr de rosa,
que mais prenda um coração !

Teu cabello côr da noite
fez-se açoite,
que fustiga o meu amor !
Fere, punge, mas ensalma !
A minh'alma,
prazenteira, sente a dôr !

Quando passas, lá na selva,
sobre a relva,
onde geme a jurity,
batem palmas as palmeiras,
prazenteiras,
porque passas por alli!

Toda a Flora se illumina,
na campina
lastram flôres todo o chão,
quando passa a minha diva,
que captiva
toda a gente do sertão!

ESTRIBILHO

Assim
como eu te adoro,
como eu te choro,
na minha dôr,
comtigo
viver quizera,
O' primavera
do meu amor.

São estes versos do meu amigo Frederico Junior, que me deu concessão para publical-os, pedindo-lhe desculpa das leves modificações que n'elles fiz.

O Vagabundo

MUSICA DA MODINHA — CHIQUINHA, SE EU TE PEDISSE

Confessa, com lealdade,
se tu me tens amizade,
ou se não me tens amor,
o' flôr.

Eu vou dizer-te um segredo,
mas olha que eu tenho medo
que o contes a teu papá...
Vê lá!

Eu amo-te ardentemente,
e juro te amar sómente,
que o terno coração meu
é teu.

Cercado de moças bellas,
jámais faço caso d'ellas...
Não acho prazer alli
sem ti.

Ai, deste amor não me esqueço!
Distante de ti, padeço
tormentos desta paixão ..
Vulcão.

Eu juro que não te minto,
só digo aquillo que sinto...
Tem fé nos protestos meus
por Deus!

Sou franco... Sou verdadeiro...
Não julgues-me interesseiro
nem um momento, sequer,
mulher.

Pois bem. Ouve o meu segredo,
mas, nem por sonhos, concedo
que o digas a teu papae...
Lá vae :

Por ora estou, não te nego,
quebrado, sem ter emprego...
sem ter um magro vintem,
meu bem !

Assim, vagando, erradio,
o bolso sempre vasio,
não tenho onde possa ir
dormir !

Nas bellas noites de lua,
eu vago de rua em rua,
buscando onde possa haver
comer.

Mas, visto tal circumstancia,
entremos em concordancia,
agora, feita entre nós,
a sós.

Accórdes bem combinados,
modinhas, lundùs maguados,

serão do meu vero amor
penhor.

Tu n'uma tina lavando!...
Eu n'um *pinho* dedilhando
n'um terno, n'um meigo tom!...
Que bom!

Arranja-se um bom quartinho,
que seja bem baratinho,
o qual possas sem custar,
pagar.

Terei cautela em poupar-te
mas n'uma casa alugar-te...
Vê lá que bem eu te quero,
sincero!

O *pinho* não se consome!...
O que é um dia de fome?
Uma modinha, n'um ai...
distrae!

Comprarei com teu dinheiro
no Belchior um fato inteiro...
Botinas, chapéo tambem,
meu bem.

Se alguem vier perguntar-te
qual é meu officio ou arte,
dirás que sou, minha flor,
doutor!

Se acceitas a condição,
se *chocas* um bom violão,
p'ra mim tudo prompto está...
P'ra já!

AOS OUVINTES:

Senhores meus, confessae,
se algum dentre vós é pae:
melhor proposta haverá?!
Não ha.

Se soubesses

MUSICA DA MODINHA—QUE IMPORTA QUE A AUSENCIA DE TI ETC.

Se acaso soubesses o quanto te adoro,
talvez que não fôras assim tão ingrata!
A dôr que meu peito lacera, pungente,
é dôr inaudita que fere e que mata!

Se tento, distante, debalde esquecer-te,
se busco no peito matar minha dôr,
tu segues-me sempre, no somno ou vigilia,
e quanto mais longe, mais cresce este amor!

Pudesse em teu collo pousar esta fronte,
lenindo amarguras da barbara sorte,
meus olhos cerrára contente, risonho,
se nelle dormisse o somno da morte.

Mas, como é meu fado soffrer estas magoas,
sem mesmo um suspiro poder exhalar,
procuro um martyrio cruel, fulminante,
que venha de prompto meus dias findar.

A noite

MUSICA DA POESIA — A AURORA ASSOMA

Calma e dolente,
triste e silente,
a noite horrente
caminha além,
no tetro manto,
de horror tão santo,
banhada em pranto,
que a dor contem!

Mesta e tristonha,
minh'alma sonha
com a luz risonha
do albente alvor!
A noite anceia,
minh'alma enleia
na negra teia
de seu negror!

Vem-me a saudade
de um'outra idade,
que eu sei, não hade
voltar .. bem sei !
Tempo adorado,
quando a teu lado,
n'um sonho alado,
dormi, sonhei !

Hoje só resta
gloria funesta,
que a noite mesta
melhor traduz !..
Quero que a noite
minh'alma acoite
no negro açoite,
que espanca a luz.

O céo se esmalta,
que a mente exalta,
mas sinto a falta
do teu calor !
Que são estrellas
luzindo bellas ?!
Que luz têm ellas,
sem teu amor ?

Lua de opala,
minh'alma embala,
que geme e fala
com a solidão !

Saudoso agora,
soluça e chora
maguas de outr'ora
meu coração!

O choro insonte
da meiga fonte
talvez nos conte
passado amor!
O pranto olente
diz que a flor sente
paixão fremente
por outra flor.

Vem, pois, ó bella,
que a lyra vela,
surge á janella,
meiga a sorrir!
Cheia de encanto,
d'almo quebranto,
vem este canto
do bardo ungir.

No céo

MUSICA DA MODINHA — QUANDO EU AMEI-TE, GENTIL CREANÇA

Quando cerraste
teus olhos bellos,
plenos de anhelos
de ardente amor,

comtigo alou-se
p'ra os céos minh'alma,
que, alfim, a palma
colheu da dor.

Perdi minh'alma,
depois que a morte
vibrou-te o córte
cruel, fatal!
Dei-te amor puro,
que não definha...
dei-te o que tinha
só de immortal!

Amor da terra
fenece em breve,
passa de leve,
n'um sopro vão!
Mas são affectos,
mesmo infelizes...
lastram raizes
no coração!

Por isso agora
vago, gemente,
triste, dolente,
neste escarcéo!
Mas d'outra vida
já gózo a calma,
porque minh'alma
vive no céo...

Desejo

MUSICA DA MODINHA — UM DIA LOUCO

Na meiga lyra, meus affectos santos,
em meigos cantos te votei, ó flor!
Como eu te amava!.. Que paixão ardente!...
Foste sómente, meu primeiro amor.

Hoje repousas na feral jazida!
Perdeste a vida, descançaste alfim!
Mas eu, que o calix da amargura trago,
no mundo vago, sem saber de mim.

Levou-te a morte... Que fatal desdita!
Magua infinita soffrerei na terra!
Foram-se os sonhos de eternal ventura
na sepultura, que teu corpo encerra.

No golpe féro, que vibrou-me a sorte,
imploro á morte, me levar d'aqui,
matar saudade, que devora o peito,
no terreo leito me juntar a ti.

A nossa choupana

MUSICA DA MODINHA: — VAMOS, EUGENIA FUGINDO

Nesta casinha bonita,
mimosa, bella e catita,
comtigo outr'ora vivi!

Que vida feliz, ditosa,
que quadra tão venturosa
passamos juntos aqui !

Quantas saudades pungentes
daquellas tardes ardentes,
daquellas noites de amor !
Dos sons da viola tua,
nas bellas noites de lua,
de doce e meigo pallor !

A' noite chorava a brisa
do lago na face lisa,
tirando sons divinaes !
Além a voz lamentosa
da parda rola queixosa
nos floridos laranjaes !

Aqui vivemos contentes,
em doces horas, frementes
de meigo e doce prazer !
Aqui eu dei e me déste
ventura feliz, celeste,
que nunca mais hei de ter !

Agora findou-se o sonho !
Aquelle viver risonho
nunca mais ha de voltar !
Mas a saudade perdura,
magôa, fere, tortura,
emquanto a vida durar !

Tão bella a nossa casinha,
catita e tão bonitinha,
mas hoje pendida ao chão!
Meu coração não resiste
ao vel-a agora tão triste,
chorando na solidão!

Não sois vós

PARA SER CANTADA COM A MUSICA DA MODINHA — NÃO ÉS TU QUEM EU AMO, ETC.

Não supponhas, não creias, Marilia,
que eu te possa adorar um só dia!
Não te quero mentir Euflauzina!
Não te posso adorar, bella Armia!

Eu não posso sagrar-te meus carmes,
Francillina, primor de belleza!
Não te quero illudir, Valentina,
que és um anjo de excelsa pureza.

Não me peças um canto de amores,
que eu não posso de amores cantar!
Tu chegaste bem tarde, Ursulina!...
Não consegues a lyra afinar!

Ai, nem tu, que és modesta e singela,
cujo olhar nos inspira um poema,
poderás conseguir meus extremos,
divo archanjo, celeste Iracema!

Com teus beijos mais doces que o nectar,
não me vences, ó bella Angelita!
Como queres que eu jure adorar-te,
se não posso te amar, Senhorita!

Margarida, Adelina, Sophia,
suffocai essa ardente paixão!
Eu já dei meus extremos a outra,
já lhe dei meu leal coração!

Eu adoro, idolatro, venero,
uma deuza de maga poesia...
Uma joven crioula, garbosa,
que eu deixei nos sertões da Bahia!

Tem a côr mais escura que as tranças
de uma noite, no mar, procellosa,
mas seus olhos scintillam mais doces
do que Venus e Sirius, formosa!

Foi pela sesta

MUSICA DA MODINHA—FOI PELA SESTA

Foi pelas horas do apogeu da tarde,
sob a mangueira viridente, em flor,
que, em doce somno, transparente e meigo,
sonhei venturas do primeiro amor!

Gemia a brisa, suspirava o lago!
Chorava a rola, soluçando em dor!
Em verde manto de olorosa relva,
sonhei delicias do primeiro amor!

Sonhei que estava te osculando a fronte,
singela e pura, de marmoreo alvor!
Sentia os gozos, os deleites magos
dos tempos idos do primeiro amor!

A voz te ouvia perfumada e terna,
vibrante, insonte, a transpirar candor,
dando-me esp'ranças de eternaes venturas,
que só florescem no primeiro amor.

Sellaste as juras no estuar de um beijo,
que ao labio imprime perennal queimor,
beijo que deixa uma saudade infinda,
dos aureos sonhos do primeiro amor!

Mas ai! Acordo desolado e triste,
sob as angustias do sonhar traidor,
que, por momentos, bafejou-me o peito,
lembrando os dias do primeiro amor!

Em má hora

Em má hora, anjo querido,
tu me pediste uma flor!
Das tres que trago commigo
nenhuma fala de amor!

A primeira é a saudade
que me deram quando amei!...
Custou-me caros thesouros!...
Muitas lagrimas chorei!

A segunda é do sepulchro!...
Um goivo... mas não te dou!
Colhi-a n'um cemiterio...
Entre os mortos vegetou!

Dou-te, porém, a terceira;
E' uma rosa, mas olha:
se quando eu morrer, sentires,
em minha campa a desfolha!

Mas, se esta vida tão triste
prolongar-se além da dor,
guarda esta rosa, eu te peço,
talisman do nosso amor!

O beber

Beber n'uma orgia, a fundo,
e ter quem pague a despeza,
nada melhor neste mundo,
p'ra vos falar com franqueza!

E' como ter-se a ventura
de achar a quem se procura
nos sonhos de nossa mente...
E' mais ainda : E' achar-se
um meio de embriagar-se
de um modo limpo e decente.

Cachaça, vinho e cerveja
n'um torvelhinho sem fim ...
Onde o páo sempre troveja,
e a cousa vira em chinfrim !
Um despejar de mil copos,
nas *bestias* feitas dos *tropos*
mais arrojados e quentes!
Um esvasiar de garrafas,
com taes pifões, taes moafas,
que nos prosternam, dormentes.

Assim, em lide *farreira*,
sem que uma noite se perca,
a gente vae de carreira,
dar com os costados na cerca !
E' como um barco á bolina,
que molha as vélas, se empina
ao som da aragem propicia !
Em busca de mais badernas,
vamos, entrando em tabernas,
cahir nas mãos da policia.

Bebar é viver na chuva,
tendo seccas as guelas !
Ser cacho, encher-se de uva,
vinificada em barrelas !
E' sonho doce, illusorio,
que cessa com vomitorio
de tudo quanto se ensacca !
E' um dançar de paredes,
que jogam como mil redes
e pára só com a ressaca !

Beber é fechar os olhos
e resomnar sem querer !
E' como ter-se uns ant'olhos
para impedir-nos de vêr !
E' como... não sei .. mas creio
que a gente fica tão cheio
e vê-se forçado á vaza...
E vae cambando, cambando,
por entre as rondas passando,
bater ás portas de casa !

Beber assim como eu bebo
é muito para um rapaz !...
De mais não é... ora sebo !
Pois ha quem beba inda mais !
Mas eu não sei que mysterios
Ha nos asteroides sidereos
das abluções cosmogonicas,

que as illações metaphoricas
são fulvas bases phosphoricas
das faculdades canonicas!

Os olhos de Marilia

De Marilia os lindos olhos
são tão gentis, tão formosos!
São perigosos escolhos
taes olhinhos buliçosos!

São pyrilampos errantes
por essas noites sem véo,
ou estrellas fulgurantes,
brilhando no azul do céo!

A natureza, primura,
melhor inda não fez, não,
pondo nessa creatura
olhos de tal perfeição!

Por elles, morro, querida,
por elles quero morrer,
que voltarei breve á vida,
se derem meigo volver.

Assim

Tu já leste a *Nebulosa*
do fluminense cantor?
Tu não viste a peregrina
que matou o trovador?!

Assim mulher, eu te amo,
nos meus martyrios sem fim!
Não tenhas tal isenção!...
Meu anjo, tem dó de mim!

A flôr de minha esperança
não queiras assim murchar!
Não te commovem meus prantos
Inda me queres matar?

Queres que eu faça em pedaços
a minha lyra querida,
que te diga eterno adeus,
e, depois, termine a vida?

Que eu morra porque te amo,
não consintas, lindo archanjo!
Mulher, acolhe os meus ais!
Tem pena de mim, meu anjo!

O bem-te-vi

A' sombra de enorme e frondosa mangueira,
coberta de flores, da tarde ao cahir,

a virgem dos campos, morena garbosa,
contava ao amante meiguices a rir !

O céo era bello ! Na beira da estrada
cantava o *encontro* nas frondes do ipé !
Os olhos da virgem tornaram-se languidos,
e os labios mais rubros que o rubro café

E, qual trêda flecha que envia o selvagem,
um'ave, de manso n'um galho pousou !
E o joven dizia palavras mais ternas,
e a virgem mais ternas venturas sonhou !

" Se déres-me um beijo, trigueira, em minh'alma
terás sempre affectos, delirios, paixão !
No *pouzo* uma rede de pennas, bem feita,
na minha viola, saudosa canção."

Depois desse beijo, talvez o primeiro,
não sei que mysterio passara-se alli !
Cobrira a trigueira, vexada o semblante,
E a ave, voando, gritou : *Bem te vi !*

A' sombra frondosa de enorme mangueira,
coberta de flôres, da tarde ao cahir,
a joven dos campos, morena garbosa,
contava ao amante meiguices a rir ! (1)

(1) Estes bellissimos versos, genuinamente brasileiros, são do talentoso e erudito Dr. Mello Moraes Filho. A musica é das mais bellas e inspiradas que eu conheço. Pena é não poder indical-a ao leitor, por ter sido feita especialmente para estes primorosos versos do illustre

Minha vida

Minha vida era um lago transparente,
onde o espelho do céo se reflectia,
circumdado de ribas verdejantes,
bafejado de celica harmonia !

Eu cantava sem maguas, noite e dia,
tinha crenças em Deus, sagrado escudo !
Via em tudo o prazer risonho e bello,
meiga espr'ança fagueira eu via em tudo.

Minha mãe meus cabellos alizava,
me depondo na fronte um beijo puro !
Nos seus olhos eu lia em lettras d'ouro
todo o quadro gentil do meu futuro !

Minha vida era um lago transparente,
bafejado das auras perfumadas,
onde em noites de lua, se escutavam
as canções das sereias encantadas !

---

poeta e abalisado mestre. Em todo o caso, apontarei aqui algumas pessôas, com quem o leitor poderá aprendel-a :

Costinha, pianista.
Eduardo Velho, pianista.
João dos Santos, funccionario do correio.
Tafi, o seu auctor.

Minh'alma agora se agita,
sentindo um vago receio !
Meu peito em maguas palpita !...
Eu choro ! Eu gemo ! Eu anceio !

Este fogo no peito, este calor,
é o amor !
é o amor !
é o amor !

Sobre o mar

Sobre o mar de eterno amor,
na barquinha da Esperança,
eu quero, gentil creança,
ir comtigo onde ella fôr !
Não tenhas medo de escolhos,
que eu mesmo serei barqueiro,
por phanal tendo teus olhos
tendo Deus por timoneiro !

Da vela soltando o panno,
aos frescos beijos da brisa,
verás como ella deslisa
no manto azul do oceano !
No largo traço argentino
que ella extender na passagem,
do nosso amor o destino
tu has de ver na miragem !

Anda !... Vem !... Tudo convida !...
Lua cheia !... Céo azul !...
As auras sopram do sul !
Não te demores, querida !
A minha barca é segura !...
Dormirás em meu regaço !
Pr'a conter nossa ventura
só no mar encontro espaço !

ESTRIBILHO

Gentil moreninha,
corramos ao mar,
na minha barquinha,
á luz do luar.

Estribilho da ultima estrophe

A minha barquinha
risonha e garbosa,
te espera saudosa,
gentil moreninha !

A somnambula

Virgem de louros cabellos,
bellos
como cadeia de amores,

onde vás tão triste agora,
hora
de tão funestos horrores ?!

Sob nuvem lutulenta,
lenta
se esconde a pallida lua !
A' noite os genios combatem...
Batem
os ventos na rocha núa !

Tristonha noite funesta !...
Esta
fundos mysterios encerra !
Não corras, olha, repara !...
Pára,
escuta as vozes da serra !

Dos furacões nas lufadas,
fadas
traidoras cruzam nos ares !
Cruentos monstros espiam !
Piam
as corujas nos palmares.

Meus amores brasileiros

Não era por inconstante,
mas por provecta sciencia...
—Que as bellas têm genio errante—

conheci na experiencia.
E julguei que era melhor
fugir dellas de antemão,
que vel-as com outro amor,
bem que tivessem razão.

A faceira carioca
tem amores exquisitos,
canta bem, e dança e toca,
com luxos e faniquitos!
Mas della Deus me defenda,
não gosto da hypocrisia...
Dôce amor a amor se renda,
mas sem *pifia* cortezia.

De Pernambucó a menina
com pasteisinhos de nata,
com faceirice malina,
de amores a gente mata!
A bahianinha dengosa,
com seu sorriso bregeiro,
me dá garapa gostosa,
de que ella provou primeiro.

Mãosinhas e pés pequenos,
a tez de morbida alvura,
languidos olhos serenos,
a derramarem ternura,

a todas em mimo excede
Nhá Tudinha de S. Paulo,
bella houri de Mafamede,
que foi celeste regalo!

— "*Ai mecê já não me gosta* —
" custa tanto a apparecer!
" Quer fazer commigo aposta
" que novo amor já vae ter?"
E, como zangado fique,
dos dedos fórma um grupinho,
com denguice e pudor chique,
de lá me atira um beijinho.

Emfim cahi prisioneiro
da mineira terna e bella!
Adoro seu captiveiro...
Fiel serei sempre a ella!
Minha lyra bandoleira
só por ella hei de tanger,
mas com saudade fagueira
do meu antigo viver.

ESTRIBILHO

Pelas cidades e mattas
cá do Brasil viajei:
morenas, alvas, mulatas,
com ternos *quindins* amei.

Não sei

Por entre as flôres de um festim ruidoso,
mundo de amores que a sonhar creei,
creança louca, lhe falei de amores...
Ella, córando, respondeu : Não sei.

Falei-lhe, crente de um futuro e gloria,
amor eterno, a soluçar jurei :
disse — consente que te adore muito ?
Ella, córando, respondeu : Não sei!

Assim, ás falas, que a chorar, lhe disse,
aos juramentos que a seus pés lancei,
a tudo aquillo que brotou-me d'alma,
ella, córando, respondeu : Não sei.

Mostrei-lhe, ao longe, pelo espaço infindo,
a meiga lua, que na infancia amei,
e disse : eu juro pela luz da lua...
Ella, córando, respondeu : Não sei!

Não sei !... eu temo respirar no inferno,
sob dictames de funesta lei !
Não vês que soffro, que padeço tanto ? !
Ella, córando, respondeu : Não sei.

Não, tu não ouves meus gemidos tristes,
gemidos d'alma, que te consagrei !...
Pois tu não sabes que eu por ti padeço !
Ella, córando, respondeu : Não sei.

Assim gravou-me nesta fronte gelida,
fronte de moço, que a seus pés curvei,
em lettra ardente, que requeima e mata,
sentença horrivel, que só diz : Não sei.

Adeus

Ai, adeus, já findaram-se os dias
que, ditoso, passei a teu lado,
sôa a hora, o momento fadado !...
E' forçoso deixar-te e partir !
Quão ditosos, quão meigos que foram
esses dias de tanta ventura,
e quão cheios de longa amargura
os da ausencia vão ser no porvir !

Olha além estas margens virentes,
já o outomno lhes despe os encantos !
Cedo, o inverno, com gelidos mantos,
descerá das montanhas de além !
Tudo triste, sombrio, gelado,
ficará sem verdura, sem flôres !...
Tal meu seio, privado de amores,
ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
me dará que te abrace na volta !...
Ai ! Quem sabe onde a vaga revolta
levará meu perdido batel ?!

Sobre as ondas, sem norte, sem rumo,
açoitado por ventos funestos,
ficarão, por ventura, seus restos
nas voragens de ignoto parcel !

Mas, ai, longe essa idéa sombria !
Longe, longe o cruel desalento !
Após dias de amargos tormentos,
virão dias mais bellos, talvez !
Dá-me agora uma esp'rança em teus labios,
um sorriso que est'alma alimente,
e, na volta da quadra florente,
eu com as flores virei outra vez !

Mas, se as flores dos campos voltarem,
sem que eu volte com as flores da vida,
chóra aquelle que, em tumba esquecida,
dorme, ao longe, seu longo dormir !
E cada anno que o sopro do outomno
desfolhar a verdura do olmeiro,
lembra-te inda do adeus derradeiro,
desse adeus que te disse ao partir !

A aurora

A aurora assoma e a terra doma
com a extensa coma de rubra côr !
Nest'hora maga, suspira a vaga,
e a brisa affaga, no ramo, a flor !

Hora de encantos, que só tem cantos,
ternos quebrantos que Amor produz!...
Além serpeia queixosa veia!...
A ave gorgeia, saudando á luz!

Teus olhos bellos cauzam-me anhelos,
sim, quero vel-os, cheios de amor,
vibrar um raio, solto, a soslaio,
que eu já desmaio com o seu fulgor!

Foge a belleza; passa a nobreza,
fica a pobreza, se a morte vem,
mas terna chamma que Amor inflamma,
vae, com quem ama, surgir além!

Que primavera!... mas, ai!... quem dera,
qual doce hera que se une á flôr,
ver-me em teus braços, preso em teus laços,
e em teus abraços morrer de amor!

Lá nessas aguas dir-te-hei as fraguas,
a dôr, as maguas que sinto em mim!
E aos rumorejos de teus harpejos.
quero, em teus beijos, da vida o fim!

No teu sorriso, meigo, indeciso,
que paraiso de eterno amor!
Tu és morena, formosa, amena,
mas não tens pena da minha dôr!

Na face pura — que formosura !
Quanta doçura tens no falar !
Que morbideza, que singeleza,
quanta nobreza no teu amar !

Como se agita tua alma afflicta !
Por que palpita teu seio em flôr ? !
Não tenhas medo que o teu segredo
revele, trêdo, do nosso amor !

Vem, pois, agora ! Olha que a aurora
tudo colora com seu brilhar !...
E ao panorama, que a terra inflamma,
só falta a chamma do teu olhar !

És Marilia

E's Marilia, tão bella e formosa !
Eu te adoro inda mais do que a vida !
Só por ver tua face mimosa,
trago est'alma de dôr opprimida !

Um momento, sequer, não me esqueço
do teu riso e olhar prazenteiro !
Esse premio de amor não mereço,
consagrando-te amor verdadeiro ? !

Desfructando o sublime do amor,
eu comtigo só quero viver !
Pois no mundo acharei mais sabor,
se teus mimos, meu bem, merecer !

Mas espero que tu, flor galante,
não me negues um riso de amor!
Vem ao menos um rapido instante
moderar no meu peito esta dor!

Houve um tempo

Houve um tempo em que meus olhos
n'outros olhos se embeberam,
outros olhos que em meu peito
doces chammas accenderam.

Conheci que os meigos olhos
me enganavam, feiticeiros,
quando, frouxos de ternura,
me fallavam, lisonjeiros!

Hoje adoro a flor agreste,
amo o prado, o montezinho,
amo a onda bonançosa,
amo o terno passarinho!

Amo a brisa sussurrante,
amo a noite de luar,
amo tudo que o meu peito
jámais possa atraiçoar!

Já não quero amar na terra,
pois que amor da terra mente!
Hei de achar nos céos um anjo
para amal-o eternamente.

Mulher, perdôa

Mulher, perdôa se eu ousei, na vida,
dar-te meus cantos, supplicando amor!
Quero contar-te os soffrimentos d'alma,
que eu vivo triste n'um luctar de dôr!

Perdão te peço, compaixão não negues
ao meu affecto tão sincero e puro,
pois que meu peito de soffrer estala,
por não ter crenças no viver futuro.

Bem sei! Fui louco! Commettendo um crime —
de as mãos profanas pôr n'um album teu!
Elle é tão virgem, só tu nelle escreves...
Eu profanei-o com um verso meu.

Oh! Não me odeies por amar-te tanto!
Meu triste pranto pelas faces corre!
Oh! tem piedade (meu soffrer é muito!)
do puro affecto que, constante, morre.

Ditoso e puro amor

Ditoso e puro amor te consagrei,
te dei meu coração sem cogitar!
Hoje est'alma tristonha, arrependida,
vive em triste e constante suspirar!

Quizera não ter visto os teus encantos,
nem teu riso attrahente e seductor!
Quizera não gozar dos teus carinhos,
já que foste incapaz do meu amor!

Tambem juro, mulher ingrata, eu juro,
que de ti nunca mais me lembrarei!
Vou riscar da memoria o teu retrato!...
Pelos céos e por Deus foi que eu jurei!

ESTRIBILHO

Tu bem pódes, ditosa, entregar
teus carinhos a outro, o' cruel;
que te saiba adorar com firmeza,
muito embora lhe sendo infiel!

Calarei meus suspiros sentidos,
os rigores de um peito traidor!
Que me importa se o louco, bem tarde,
vem gozar os meus restos de amôr?!

Lá para as bandas do norte

Lá para as bandas do Norte,
do sertão de minha terra,
onde as nuvens se espreguiçam
nas cumiadas da serra!...

Onde as flôres têm mais viço,
e a mulher tem mais feitiço...
De nuvens é limpo o céo....
existe em pobre choupana
a minha bella serrana...
a virgem do sonho meu!

Como eu gostava de vêl-a,
pés mettidos na tamanca!...
Cabellos soltos aos hombros,
de saia curtinha e branca...
Aquella saia de neve,
que lhe cobria de leve
as suas fórmas tafues!...
Guarnecidas de matames,
que pareciam enxames
de borboletas azues!

Oh! que saudades que tenho
dos sertões de minha terra!...
Das nuvens que se espreguiçam
nas cumiadas da serra...
Do verde esmalte dos montes,
e dos bulicios das fontes,
e do pleno azul dos céos!
Das brizas beijando as flores!...
Dos prados com seus verdores!...
Da virgem dos sonhos meus!

A Camponeza

A camponeza morena,
filha das plagas do sul,
é bella, é meiga, é faceira
com seu vestido de azul!

Captiva, seduz e mata
com seus olhos indolentes!...
Captiva, seduz e mata!...
São tão puros, innocentes!

Tem os cabellos tão pretos!
A bocca breve e pequena...
Ninguem resiste aos encantos
da camponeza morena!

E' sua cutis tão fina,
seus modos são tão galantes,
que inspira os rudes cantores
e mata os pobres amantes!

ESTRIBILHO

Ai! como é bella,
como é formosa,
com suas faces
de jambo e rosa!

Eu só te peço

Eu só te peço que te lembres, bella,
do juramento que fizeste outr'ora,
pois já descrente da bondade tua,
maguas e dôres eu padeço agora.

As tuas lettras eu conservo ainda,
lembrança eterna do primeiro amor,
e tu bem sabes que eu jámais ousara
da virgindade macular a flor.

Ai, não me negues teu olhar divino,
mata-me agora este infernal desejo
de em tuas faces, onde as graças moram,
depor um doce e prolongado beijo.

Ai, quem me dera, por fugaz momento,
ter-te a meu lado, primorosa flor!
Ouvir a jura que fizeste outr'ora,
sentindo o peito palpitar de amor!

O Poeta e a Fidalga

Bem sei que tu me desprezas,
bem sei que tu me aborreces,
zombando das minhas preces,
com teu orgulho e desdem;

mas não supponhas, não creias
que o teu rigor me consome,
pois mesmo pobre e sem nome,
sei desprezar-te tambem.

Bem sei, mulher, bem conheço
que fui um louco em fitar-te,
muito mais louco em amar-te,
sem consultar a razão !
Aquellas doces promessas
que nos teus olhos eu lia,
não eram mais que ironia,
não eram mais que irrisão.

Eu sei medir a distancia
que nos separa na vida :
tu tens a aurora florida,
eu tenho as noites crueis!
Tu tens um manto de flores
que te alcatifa os caminhos...
Eu trilho em senda de espinhos,
que dilaceram-me os pés.

Teu vulto passa indolente
por sobre os fundos pezares,
tens n'alma os gelos polares
em vez da luz do equador !
A bella Venus de Milo
fêl-a sem braços o artista,
mas Deus foi mais egoista:
negou-te os fluidos do amor !

Não rias !... Isto é loucura !
Não zombes de um desgraçado,
que, se não teve passado,
póde um porvir aspirar !...
Não rias, que da existencia,
no drama ignoto, infindo,
quem abre a scena sorrindo,
encerra o acto a chorar !

A fidalguia o que vale ?
O teu orgulho o que importa ?
Se o ouro me fecha a porta,
a gloria me extende a mão !
Eu antes quero ser filho
das musas da natureza,
que ter por mãe a riqueza
e ter por pai um brazão.

Se de custosos brilhantes
tu tens a fronte adornada,
eu tenho a minha innundada
das ondas da inspiração !
Sim, eu não troco, orgulhoso,
por teu thesouro fulgente,
uma só nota plangente
da lyra do coração.

Não julgues que o céo que sonhas
seja constante de rosas,
ha muitas sombras nublosas
para empannar-lhe o setim !

Nem sempre o lago é tranquillo,
nem sempre a flor tem perfume,
nem sempre os astros têm lume...
nem sempre o goso é sem fim...

E' a primeira vez que, em livro de modinhas, estes versos vêm á luz da publicidade, completos e como o Sr. Vanderley os escreveu. Existem no seu livro de poesias e aqui vão como lá se encontram. Os pequenos retoques que fiz, são, com certeza, oriundos do desleixo dos compositores. O titulo não é—Desprezo—e sim o que encima estes versos.

Quando te vejo

Qual fica doudo o macaco,
se lhe offerecem banana,
ou qual raposa por canna
e pelos pomos de Baccho;
qual o glutão por um naco
de fresco, gostoso queijo,
e, perdendo o medo, o pejo,
fica o ladrão se vê ouro...
assim não caibo no couro,
menina, quando te vejo!

Quero abrir este meu peito,
para a lingua desprender!...

Não sei o que hei de fazer!
Perco expressões e conceito...
Busco modos, busco geito,
cada vez fico mais rudo!
E, se alguma phrase estudo,
e vou para te expressar,
principio a gaguejar...
Fico tolo, fico mudo!

Se me offereces fagueira...
se me dás um ar de riso,
já me derreto sem sizo,
só quero fazer asneira!
Porém, se mais feiticeira,
soltas dictos seductores,
fico queimando em calores...
com os olhos de cabra morta...
Té fico com a bocca torta...
Tenho febres e tremores!

Se me danças uma chula,
fico como estoporado!
Tenho o beiço pendurado,
assim com feições de mula!
Meu peito ainda mais pula,
e sinto certo fervor!
E, se teu pizar agudo
eu ouço no corredor,
tenho febre, ancia, calor,
tenho sezões, tenho tudo!

A volta

A casa era pequenina,
mimosa, linda e bonita,
que teu seio inda palpita,
lembrando della, não é?
Vamos voltar... eu te sigo!...
Eu amo o ermo profundo!
A paz, que foge do mundo,
móra em tectos de sapé.

Bem vejo que tens saudades
do teu delicado ninho!
E's um pobre passarinho,
mettido em negra prisão!
Voltemos, que os bellos sitios
estão cobertos de flores...
Tecem mimosos cantores
hymnos á bella estação.

E tu, mais bella que as flores,
aos almos, doces encantos,
ajuntarás os teus cantos,
o teu gorgeio infantil!
Escuta, filha, que a sombra
já vai deixando as alturas...
Lá cantam as saracuras
juncto ao lago côr de anil.

Os vagalumes, em bando,
percorrem na relva fria,

emquanto o vento cicia
nas moitas dos taquaraes!
Pastores que alli vagueiam,
mirando a casa deserta,
perguntam de bocca aberta:
Acaso não virão mais?

Mas nós iremos, tu queres...
A' nossa choça voltemos!...
Mais bellos reviveremos
os bellos sonhos de então!
E, á noite, cerrada a porta,
tecendo planos de glorias,
contaremos mil historias,
sentados junto ao fogão.

Quando eu dormir

Quando eu dormir á sombra do salgueiro,
que em minha cova arrebentar por si,
tu, que nem sabes por meus frios cantos
o que sou, o que fui e o que soffri...

Sobre o meu nome, pobre grão de areia,
que uma creança arremeçou no mar,
deixa uma gotta, unica de pranto,
sobre o meu nome, lenta, escorregar...

Como uma per'la, que gentil princeza
dos seus cabellos desprendesse rindo,
e aos pés lançasse de voraz mendigo,
que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai! tu não sabes como o leito é gelido
aos que no seio as illusões seccaram!
Ai! tu não sabes como é quente o tumulo
aos que entre os vivos como um som passaram!

E, quando um dia a tempestade as azas
por sobre o azul do teu viver abrir,
eu, da tormenta asserenando o grito,
virei ao pé do teu dormir — dormir.

Desde o dia em que te vi

Desde o dia em que te vi,
inda em botão, bella flor,
vi-te e guardei em meu peito
amizade e puro amor.

Mas se algum dia pudesse
desfructar amores teus,
então, sorrindo, eu diria:
tu és minha, encantos meus.

Por mando da flor
de minha affeição,
vieram tres rosas,

ainda em botão,
plantar em meu peito,
amor e paixão.

Nessas pet'las de carmim,
que retratam formosura,
ficou minh'alma gravada,
mas gravada sem ventura.

Porem, quando a feia morte
meus tristes dias findar,
irás, ó flor de meus cantos,
lá na campa vegetar.

E, sobre o sepulchro,
de orvalho banhada,
revela teu cheiro
na triste morada,
que assim a minh'alma
aos céos é levada.

A' terra um anjo baixou

MUSICA DO MAESTRO H. DE MESQUITA

A' terra um anjo baixou
de pureza e de candura,
de graças mil rodeado,
primorosa creatura!

Soberanos, raros dotes,
concedeu-lhe a natureza!
E' copia, é typo fiel
da perfeição da Belleza!

Taes encantos me prenderam
ao vel-a, mimosa flôr!..
E logo ardeu em meu peito
fogo intenso, abrazador!

Desceste, o' anjo do céo!
Sê meu anjo tutelar!
Attende, não me recuses
a ventura de te amar!

Vamos, Eugenia

Vamos, Eugenia, fugindo,
de tudo, alegres, nos rindo,
bem longe nos occultar,
como bohemios amantes,
que dizem, vagando errantes:
P'ra ser feliz basta amar!

N'uma casinha bonita,
lá onde o matto se agita,
do vento ao leve soprar,
no manto verde da selva,
no leito fresco da relva!
como é tão bom de se amar!

Nessa casinha pequena
faremos a vida amena,
vivendo n'um céo de amor!
Como um casal de pombinhos,
vamos fazer nossos ninhos
lá onde ninguem mais fôr!

A' noite, no mesmo leito,
recostada no meu peito,
ouvirás os versos meus!
E cantarás na viola
aquella moda hespanhola,
enlevo dos sonhos teus!

Remae, remae

BARCAROLA

Minha barquinha adorada,
que rumo queres levar?
Eu sei que estás anciosa,
já tens saudades do mar.

A brisa desata as tranças,
nas minhas velas desmaia!
A onda beija serena
o seio alvo da praia.

Vamos sulcando estas aguas
da terra ingrata esquecer!

Eu quero contar ás vagas
o meu profundo soffrer!

Não tem negrumes a noite,
no mar não vejo perigo,
quando comtigo me vejo...
quando me vejo comtigo.

ESTRIBILHO

Remae, remae!
Remae, remae!

Caridade

O que vale o fulgor de oiropeis
do precario brilhar da opulencia,
se, no meio dos gozos, o rico
não se dóe do gemer da indigencia?

Escarnece da voz da mendiga,
que, sem vista, offerece-lhe a mão:
" Uma esmola, por Deus eu supplico!"
Para a triste a resposta é um — não!

O avaro responde: " E' impossivel!
N'outra parte, mendiga, adeante!
Outra vez far-te-hei caridade...
Vou pensar em ganhar neste instante."

Quantas vezes, no leito de dôres,
a viuva infeliz estortega!
Grita a filha: " Mamãi, tenho fome! "
Diz a pobre: " Filhinha! socega! "

Dorme, dorme, meu anjo, que o somno
serve ao pobre de grato sustento!
Nossos membros tranquillos descançam...
Fé em Deus, que terás alimento!

Caridade é suave perfume
que os archanjos respiram no céo!
E' a luz cujo brilho se encobre,
da tristeza desfaz-se no véo!

Caridade é bafejo celeste,
é o lindo sorrir do Senhor!
E' a luz que ornamenta os archanjos!
Caridade é de Deus o amor!

Quero fugir-te

Tarde, bem tarde, já te vi, mulher!
Mas é segredo!... Para que dizer-te!
Amei-te muito! Foi paixão infinda!
Nem mesmo em sonhos quero agora ver-te.

Quero, fugindo, maldizer-te o nome;
jámais na vida me lembrar de ti,
buscar a morte, no que sinto allivio,
sentindo a hora em que te conheci!

Chorar as dôres de paixão perdida,
no negro fado da existencia minha,
pedindo a Deus a compaixão que alenta,
p'ra flôr que murcha por viver sósinha!

Se acaso vires uma cruz modesta,
que aponte o leito em que meu corpo jaz,
verte uma gotta de teu pranto e dize:
Morreu de amar-me!... Que descance em paz!

ESTRIBILHO

Não te crimino... O coração é livre!
Amor é livre—todo o mundo o diz!
Mas, sem amor, de que nos serve a vida?
Embora eu morra... sejas tu feliz!

Passavas linda

Passavas linda, como passa um anjo,
ou como archanjo lá no azul do céo!
Eras tão pura como a pura estrella,
branca, singela, a scintillar sem véo!

Da walsa aos gyros palpitava o seio,
via-se o enleio no teu rosto santo!
A tua fronte transluzia pura,
flôr de candura, divinal quebranto!

Por mim passaste, nem olhaste ao menos...
Olhos serenos fitara no chão!
Depois, sorrindo, me entregaste, ó bella,
de flôr singela divinal botão!

Era a tua alma, no candor das flôres,
castos amores de teu seio, ó bella!
E a que me deste, perfumada e linda
conservo ainda e morrerei com ella.

Os Anjos Bahianos

São astros luzentes, são lindas estrellas,
os anjos formosos de minha Bahia!
Se os olhos se quebram, meu Deus, que ternura!
Tão vivos fascinam, qual astro do dia!

São risos, são flores, cahidas do céo
em labios formados de fino coral,
que enfeitam a lyra de nossos poetas,
que ornam seus cantos com voz divinal!

Quem ha, que escutando seus cantos mellifluos,
não julgue expandir-se n'um céo de prazer?
Com ternos arroubos da voz argentina,
os anjos bahianos nos fazem morrer!

São meigos nos gestos, nas falas, sonóros!
Exprimem no todo ternuras a mil!
A fina cintura se agita em volupias,
aos lindos requebros do anjo gentil!

Se o negro das tranças, esparsas no collo,
exalta dos jambos o mimo da côr,
se rosas se abrem em campo de jaspe,
as minhas patricias são anjos de amor.

O beija-flor

Beija-flor, côr da esmeralda,
que a linda fronte engrinalda,
olha, o raio é fogo em brazas !...
Não o beijes, que te escalda !
Bate as azas,
beija-flor !

Fere as nuvens, corta os ares,
sobre o denso azul dos mares !
Vae brincar contente agora,
onde Julia tem seus lares !
Vae-te embora,
beija-flor !

Pelas moitas de boninas
ha mais rosas peregrinas !
Mas não vás assim atôa !...
Deixa as flores das campinas...
Vôa, vôa,
beija-flor !

Vae pouzar-lhe nas mãosinhas,
vae dizer-lhe que definhas !

E, se vires-lhe desejo
de saber noticias minhas,
dá-lhe um beijo,
beija-flor!

Mas, se a virgem caprichosa
se mostrar pouco cuidosa,
se temeres na revolta,
que te esmague a mão mimosa,
volta, volta,
beija-flor!

Morena escuta

Morena, escuta meus cantos,
são bagas de amargos prantos,
que rebentam desta dor!
São nocturnas cantilenas
de solitarias phalenas
nos rosaes do nosso amor!

Quando de noite a viola
pelo espaço desenrola
a selvagem melodia,
creio ouvir-te suspirando,
ao pé de mim murmurando
a cavatina do dia!

Olha, morena: teus dedos
sabem dizer os segredos

que o peito esconde de mim !...
Tangendo as cordas suaves,
despertas as brancas aves
com teu doce bandolim !

Do rancho dessas morenas,
das modestas açucenas,
tu és a deusa do amor !
Tu folgas, ris e suspiras,
sem conhecer as mentiras
deste mundo enganador !

Morena, escuta meus cantos,
são gottas de salsos prantos,
que brotam da minha dor !
São chorosas cantilenas
das minhas cançadas penas
deste puro e santo amor !

Desperta

Acorda, escuta : os passarinhos cantam !
Olha ! Lá surge no deserto a luz !
O sol vermelho já fugiu do leito,
banhando a fronte nos regatos nús !

Olha, não ouves !... O tropeiro fala !
Treme a viola na canção gentil !
As borboletas despertando fogem
dos seios frescos das cecens de Abril.

Não durmas ! Olha como o mar palpita,
e a branca espuma solitaria vae!
A espuma é anjo que dormiu na vaga,
e o mar acórda, suspirando : — Amae !

Eia ! Desperta ! Quanta luz se espalha !...
A aurora volta, recamando o céo !
Serás a rosa ao suspirar das brisas!
Acorda ! Escuta ! Vem ouvir !... Sou eu !

Quizera...

Quizera ser a luva perfumada,
que te resguarda a mão de neve e rosa !
Quizera ser o broche de teu seio,
para sentir-te a pulsação mimosa !

Quizera ser o calice em que bebes
para beijar-te os labios purpurinos !
Quizera ser o espelho em que te miras,
para mirar-te os olhos peregrinos !

Quizera ser a fita airosa e bella
que prendes, fluctuante, nos cabellos,
nessas prisões de amor, nesses thezouros...
que ao proprio amor prenderam só desvellos.

A bonina quizera ser que pizas,
as mimosas plantinhas do teu horto,
p'ra n'um beijo exhalar os meus perfumes,
e um instante viver... por ti ser morto !

O beijo

LUNDU'

O beijo é um fructo
de gosto subido!
Mas deve colhido
n'uma arvore ser!
Mandado, não presta,
nem mesmo dá gosto!
Furtado n'um rosto,
que gosto o colher!

Se a arvore é nova,
viçosa e mui bella,
os fructos são nella
dos olhos ao pé!
Os labios se collam
n'um doce prazer!
Dá gosto morder
nas cascas até!

Se as flores são bellas,
se os pomos são lindos,
que gosos infindos
os beijos não têm!...
Os beijos são fontes
de meiga poesia...
Melhor ambrosia
do céo não nos vem!

Mal colhe-se um fructo,
eis outro a colher!
Jámais se ha de ver
dos fructos o fim!
Os labios se cançam,
a mente se enleia!...
A arvore é cheia
de fructos assim!

Quem dera que sempre,
n'um pé bem novinho,
viçoso e lindinho,
pudesse os colher!
Sorvera esse nectar
do mel precioso!...
No auge do goso
quizera morrer!

Ama a lua a branca vaga

Ama a lua a branca vaga,
que murmura lá no mar,
quando, em rosea luz d'aurora,
o horizonte se illumina!
Ama a brisa a flôr mimosa
sobre o ramo a suspirar!
Ama o terno passarinho
no arvoredo da campina!

Ama a rola o terno amante
nos copados laranjaes!...
Ama a loura borboleta
a florzinha vicejante!
Beija o mar a branca areia,
ama o filho os ternos paes..
até mesmo em negro antro
ama a fera o fero amante!

ESTRIBILHO

Se a natura toda inteira
nos revela tanto amor,
dá-me um raio de tu'alma..
Tem pena de minha dor!

Não ser eu

Não ser eu a violeta,
de que ella aspira o olor,
ou a gentil borboleta
que lhe adeja em derredor!

O sabiá mavioso,
que ella não cança de ouvir!
O seu roupão venturoso
com que prefere dormir...

Não ser eu agua da fonte,
onde ella se vae banhar;
ou a estrella do horizonte
que ella costuma fitar...

Ou as ligas que mais preza,
ou o livro em que mais lê...
o credo que ella mais reza,
que mais sabe, em que mais crê!

Não ser eu um sylpho, um nume,
para em seus labios viver,
ou quem acorda o ciume,
ao sorrir de outra mulher...

Seu macio travesseiro,
seu perfumado lençól...
a sombra de um cajueiro,
quando ella foge do sol.

Não ser eu o broche amado,
dentre os muitos que ella tem...
Ou quem acorda a seu lado,
quando ella acorda tambem!

Minh'alma

Minh'alma soluça, ninguem lhe responde,
tristonha se esconde nas dobras de um véo!
De lucto coberta, soluça, maguada:
Qual foi o meu crime? Que mal fiz ao céo?

Amor !... Amor !..: porque não falas ?
Porque te calas ? Julgas-me um réo ?
Amor tem força que nos domina...
Obra divina, que vem do céo!

Meu Deus, eu soffro, padeço tanto!
Meu triste pranto não tem mais fim !
Ai, triste sina ! Que horrivel sorte !
Antes a morte que a vida assim ! !

Amor é filho do céo sereno,
sorriso ameno de um'alma pura,
celeste orvalho de noite calma,
perfume d'alma que o céo procura.

Na hora em que se cobre

Na hora em que se cobre
de nevoa a serrania,
o sino, em triste dobre,
murmura : — Ave Maria!
E traz cruel saudade
de um tempo mais feliz,
daquella tenra edade,
vivida em meu paiz !

Aqui tudo é tristeza,
aqui tudo é penar
E' tudo sem belleza !...
O céo, a terra, o mar!

Não ouço das creanças
os brincos infantis,
os hymnos de esperanças
que ouvia em meu paiz !

A' sombra da palmeira,
talvez não gose mais
a paz hospitaleira
da casa de meus paes !
Das relvas no velludo,
das flores no matiz,
no céo, na terra, em tudo...
quizera o meu paiz !

O céo recama-se

O céo recama-se
de nuvens roridas,
formando, floridas,
grato arrebol !
Ergue-se esplendido —
das plagas cerulas,
beijando as perolas,
da flor — o sol !

As trevas funebres
recuam pavidas,
as luzes avidas,
lhes rompe o véo !

Lá fogem rapidas
nas cores lividas...
Outras mais vividas
surgem do céo!

Gorgeiam passaros
no bosque umbrifero,
ar odorifero,
derrama a flor!
A brisa, em osculos,
vae, douda e humida,
tornal-a tumida,
lhe dar vigor!

O rio, soffrego,
roja-se tepido
e corre lepido
sem murmurar!
Nas azas limpidas,
suspensa, extatica,
ave selvatica
paira no ar!

A terra innunda-se
de luz ascetica,
painel de esthetica,
d'ouro e d'anil!
Nest'hora sente-se
em cada musculo
brando crepusculo
vibrar subtil.

A onça, erguendo-se
da cova frigida,
vae, de mão rigida,
gosos fruir!
Pulando, tetrica,
no solo torrido
desprende um horrido,
negro rugir!

O bardo extatico,
vate romantico,
soltando um cantico,
bemdiz os céos!
O crente em jubilo,
com peito flaccido,
rezando placido,
murmura: O' Deus!

Escuta

Escuta a lucta, que devora, agora,
meu seio, cheio de cruel pezar!
Elvira dira, ao teu desprezo, preso,
não minto!... sinto que me vou findar.

Olhar-te, amar-te, bemdizer-te ao ver-te,
foi, n'alma, a palma que nasceu, brótou!
Ai! tanto encanto me cegava, e a lava
de um peito affeitó ao desamor -- jorrou!

Loucura escura! O pensamento, lento,
mudou-se, alou-se, e, para ti, correu!!
Prendi-me, ri-me, como escravo ignavo,
que estulto, o insulto, sem corar, soffreu.

Inferno eterno em disfarçado agrado,
que a morte, em sorte, me vem dar, cruel!
Bacchante amante, solitaria, varia!!...
Desgraça!! A taça me atirou do fel!

Suspira a lyra, que uma endeixa deixa,
revolta e solta, se perder além!
Ventos sedentos não a escutam, luctam,
e correm, morrem, sem me ouvir tambem!

Desmaia á praia, que se alaga---a vaga!
Deslisa a brisa em festival jardim!
Vae núa a lua, vagarosa, airosa!...
E' tudo mudo!... Sem ter dó de mim!

Ferina sina, que me deste, enféste
a fronte insonte, de cruel amor!
Maltrata, mata, pouco a pouco, um louco,
perdido, ungido por immensa dor.

Mas basta, affasta, borboleta inquieta,
os ferros perros, que lançaste em mim!
Adora e chora, como adoro e choro,
murmura pura: Quero amar-te assim.

Que lindos matames

Que lindos matames na saia de neve,
que passam de leve, na dança a voar,
de manso qual cysne nas aguas boiando,
qual nuvem voando sosinha no ar.

Meus olhos bem viram, no gyro da walsa,
bordados na calça de fina cambraia!
Teus labios macios, sorrindo se abriram....
Meus labios bem viram matames na saia.

Teu seio palpita, descora-te a face,
na walsa, fugace, meu anjo, descança!
Nos gyros perdeste, tão linda e mimosa,
a flor odorosa que tinhas na trança.

Gentil borboleta, travessa creança,
as flores da dança perfumes não têm!
Depois dos folguedos, nem risos, nem cantos,
da festa os encantos á idéa não vêm!

Marietta

Nestes teus olhos de archanjo
bebo harmonias dos céos!
O teu olhar é tão casto
como uma benção de Deus!

O teu olhar me dá vida,
dá-me coragem, valor!
Liguemos as nossas almas
em doces beijos de amor.

Longe de ti vivo triste,
no mais acerbo soffrer!
Perto de ti, ó meu anjo,
suspiro até de prazer!

Mas se algum dia o destino
os nossos laços quebrar,
nunca mais hei de esquecer-te,
nem deixarei de te amar!

ESTRIBILHO

Que aroma tão seductor
nesta trancinha tão preta!
Quero morrer em teus braços,
ó formosa Marieta!

Prantos d'alma

Nos parceis da desventura
minha vida tem vogado;
o soffrer, a dor, o pranto
os meus sonhos têm fanado.

Tanto pranto de amargura
tem vertido o coração,
que minh'alma desolada
já não tem uma illusão!

Já não resta uma esperança,
nem um riso de ventura,
pois a minha quadra bella
jaz alli na sepultura.

Entre as sombras do cypreste,
no recinto mortuario,
vejo a filha estremecida
toda envolta n'um sudario.

E minh'alma dolorida
no sepulchro se debruça,
e, nas ancias d'agonia,
taes palavras diz, soluça:

Se no silencio da campa,
ouvires um pranto, um ai,
não perturbes o teu somno,
pois é meu, é de teu pai!

Trovas populares

O tempo, que tudo muda,
só não muda a minha dor!

Não me volta a primavera,
nem o meu primeiro amor.

Na vida nada me medra!
Vivo curvado e sombrio!
Só me falta ser a pedra,
em que tu lavas no rio.

A mulher, por natureza,
não póde ter fé segura:
quanto mais falla, mais mente,
quanto mais mente, mais jura.

Limoeiro, abaixa a rama,
preciso de um teu limão
para tirar uma nodoa
que tenho no coração.

Os peixes nadam no rio;
as aves voam no ar;
porque meu peito está prezo
nos laços do teu olhar?

Porque andas tu mal commigo,
ó minha doce trigueira!
Quem me dera ser o trigo
que, andando, pisas na eira.

Sorrío nos teus sorrisos,
nos teus suspiros, suspiro!
Soluço nos teus soluços,
nos teus delirios, deliro.

Morre um affecto, outro nasce,
passa um desejo, outro vem:
depois de um sonho, outro sonho,
de tantos que a vida tem.

Sou soldado, sentei praça
no regimento do amor:
mas, como sentei por gosto,
não posso ser desertor.

Eu amante, tu amante,
qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te,
tu, como a sombra, a fugir-me!

Se te enfastia eu querer-te,
é força, bem sei, deixar-te;
ensina-me a aborrecer-te,
que eu não sei senão amar-te.

Essa côr quasi da noite,
essa côr que Deus te deu,
se as brancas não gostam d'ella,
que importa se gosto eu?

Andaste pelas estradas,
sahiste hontem d'aldeia,
pois te conheço as pisadas...
Eu vi teu rastró n'areia.

O meu chapéo

RECITATIVO

Como estás acabado ! Que mudança
vejo em ti neste instante, grande céo !
Eu, que te vi, ha pouco, tão creança,
ver-te de barbas brancas, meu chapéo !

Inda por cima calvo !... Se quizesses,
mandava-te fazer uma piruca !
Pois, olha ! se eu deixei-te ao desamparo,
é porque me apertavas sobre a nuca !

Sei que muito me estimas, que andas triste
por te haver eu lançado ao abandono !
Receio que definhes pouco a pouco,
e que te vás sem mim, teu pobre dono !

Tu, fiel companheiro de outros tempos,
tu que a tantas bellezas cortejaste !
Tu, que uma vez, por gosto ou por descuido,
sobre um leito de fada dormitaste !

Tu, que aspiraste o clima de outras terras,
escutando o tinir das castanholas,
que o entrudo jogaste com Dolores,
a mais bella e gentil das hespanholas !...

Tu, que sorveste ás chuvas cisplatinas,
lá nas bandas douradas do oriente,
e beijaste o tapete côr de sangue,
onde a guitarra suspirou dolente !

Ai, meu pobre chapéo ! Quantas saudades !
Que martyrios crueis !... Dores tamanhas !
Ver-te velho, e, o que é mais, ser condemnado
a dormir envolvido com as aranhas !

Que mudança !... Tu eras um portento
de belleza, de graça... que sei eu !
Emmagreceste agora !... Estás doente !
Estás de barbas brancas, meu chapéo !

Se eu pudesse salvar-te ! Que esperança !
Ao menos se eu pudesse andar comtigo !
Mas, bem vês ! Estás mesmo fanadinho !...
Hão de rir-se de ti p'rá meu castigo !

Vendedora de amores

LUNDU'

— Quem se quer habilitar ?
— Quem compra, quem compra *Amores?*
— São lindos, são tentadores !
— Quem é que m'os quer comprar ? ! —

" Vejamos ", diz um freguez :
" Como é tanta a variedade,
" se houver algum que me agrade,
" farei negocio, talvez !"

— *Amor ciumento?* Convém?
"Esse é já mui desusado!"
— *Amor timido?* "Obrigado!
"Passou de moda tambem!"

— *Amor tranquillo?* se o quer,
posso vendel-o barato.
"E' bom p'ra o homem pacato,
"e estou bem longe de o ser."

Amor bulhento? "Peior!
"será dos mais divertidos,
"mas é lá para os maridos:
"quanto a mim causa-me horror!"

— *Amor ditoso?* "Esse então
"nem de graça o compraria!
"Sempre a dormir noite e dia!...
"Que amor tão sensaborão!"

— Tenho ainda... "Ora, ouve lá:
"Nesse viveiro galante,
"não tens tu o *Amor constante?*
"Se tens, eu compro-t'o já!

— Ai, esse não tenho eu!!
— Tive-o já, e bem bonito!
— Mas estava tão velhito...
— que ha muito tempo morreu!

Ursulina

Ursulina, no céo a lua desmaia...
Chegou, ha tanto tempo, a noite em meio!
Vem, meu anjo, que a aurora além não tarda...
Ai, deixa-me dormir sobre o teu seio.

As estrellas no céo tremem de susto,
a natureza toda é só perfumes!
Para o nosso hymeneu, perante os anjos,
o Senhor lá nos céos accende lumes.

Gondoleira do amor, eia, voguemos
no mar placido e calmo; e, adormecida,
deixa a lyra pousar em teu regaço...
Vencedora no collo da vencida!

ESTRIBILHO DO 1º

Não ouviste distante um som queixoso,
que entoava a minh'alma, que suspira?
No silencio da noite a voz de um anjo
tu porque não juntaste ao som da lyra?

ESTRIBILHO DO 2º

Vem, meu anjo, que a noite é só de amores!
Juntemos nossos peitos, nossas almas!
As estrellas nos céos tecem corôas...
Os anjos, junto a Deus, nos tecem palmas!

ESTRIBILHO DO 3º

Ursulina, no céo a lua desmaia!
Chegou, ha muito tempo, a noite em meio!
Vem, meu anjo, que a aurora além não tarda!
Ai... deixa-me dormir sobre o teu seio.

Que sorte, que sina

Que sorte, que sina,
cruel é meu fado!
Viver separado
de um anjo fiel!
Que valem bellezas
da verde campina?
Da flôr purpurina...
que importa seu mel?!

Tarde, bem tarde,
ao pé de uma fonte,
perguntei ao monte
que mal eu te fiz!
O monte não sabe
noticias da amada!...
A fonte é calada...
se sabe, não diz!

Nas margens de um rio,
n'um velho ingazeiro,
levei dia inteiro
por ella a chamar...
Um canto saudoso
de longe se ouvia...
Ninguem respondia...
me puz a chorar!

Com ella eu vivia
cantando ou carpindo,
venturas fruindo,
n'um terno gozar!
Com o leve biquinho
seu peito arrufado
com tanto cuidado
me punha a catar!

N'um velho ingazeiro
depuz o meu ninho,
que chóra, sózinho,
sem ella e sem mim!
Tão grande trabalho
me deu seu fabrico,
tecendo com o bico
pennugem, capim.

Perdão

Perdão, Senhor, meu Deus, minh'alma sente,
e não póde deixar de não sentir!
Se eu disser que eu não sinto, eu sinto sempre:
é melhor confessar do que mentir.

Eu sinto e sinto tanto, que não posso
minha dor, meu soffrer aniquilar!
Já não póde a razão salvar-me agora...
Quer o fado que eu ame, eu hei de amar.

E' meu fado adoral-a! Amor cegou-me,
e o cégo é sempre cégo em face á luz!
O amor nos vem de Deus, e Deus protege
quem carrega, a soffrer, tão sancta cruz!

Eu vejo na mulher pura, innocente,
o que ha de mais bello a conceber!
Se o amor da mulher não vence o homem,
não existe na terra outro poder.

Vem ca'

Vem cá, risonha morena,
entre o perfume das flores,
vem gosar ternos amores
de uma existencia fagueira!

Deixa esta vida sem goso!
Vem dar prazer a minh'alma,
sentada á sombra da palma
da viçosa jussareira.

Anda commigo e verás
como a gentil mariposa
tão levemente repousa
no pollen da flor do jambo,
emquanto a serpe atravessa,
deixando o rasto n'areia,
e, mansamente, se enleia
nos laços do cipó bambo.

Vem cá! No centro dos bosques
corre mais placida a vida;
ha mais segura guarida
nos troncos da gamelleira!
Não tenhas medo da noite,
que a luz argentea da lua
mil beijos na face tua
dará, risonha e fagueira.

Repara: além, na folhagem,
a serpe astuta colleia,
e o colibri se volteia,
sorvendo o nectar das flores!
Debaixo d'aquelle outeiro
existe um tronco esfolhado....
logar propicio e fadado
para falarmos de amores!

Mas porque choras, meu anjo,
por que receias seguir-me?
Queres tão cedo illudir-me,
só pelo crime de amar-te?
Ah, não me deixes, ingrata,
que o céo de luz se reveste,
e o doce orvalho celeste
comnosco a sorte reparte!

Eu quero dar-te, meu anjo,
no mais sombrio da selva,
um throno na verde relva,
tendo um docel de saphira!
E, ao som de um canto saudoso,
verás então, ó morena,
como a formosa açucena
nas mansas aguas se mira!

Não fujas, que a vida é breve,
como as venturas passadas,
e triste é ver desfolhadas
as rosas da mocidade!
Deixa que eu veja em teu rosto
surgir p'ra mim nova aurora,
neste sacrario, onde móra
a deusa da virgindade.

Tenho medo

Moreninha, eu tenho medo
dos teus olhos tão formosos,
dos teus olhos tão brilhantes,
como os astros luminosos!
Tenho medo que me firam,
que me sejam perigosos!

Moreninha, eu tenho medo
dos teus labios purpurinos,
desses labios tão ingenuos,
que despertam doces hymnos!
Tenho medo que me matem
com sorrisos tão divinos!

Moreninha, eu tenho medo
do teu collo palpitante,
desse collo melindroso,
tão gentil e deslumbrante...
Tenho medo de perder-me
n'um momento delirante.

Moreninha, eu tenho medo
do teu terno coração!
Dessas fibras delicadas,
que me rojam na paixão!...
Tenho medo, muito medo
desse amor, dessa affeição!

Moreninha, eu tenho medo
desses traços de belleza
que fulguram nos teus labios,
que te deu a natureza!
Tenho medo que não ames
quem te adora com firmeza!

Supplica

Meiga filha de Deus, rosa d'aurora,
acceita meu amor, não sejas má!
Quando um riso de amor o vate implora,
como o amor que elle sente, amor não ha.

Dão vida á meiga rosa purpurina
os bafejos da brisa da manhã!
Do orvalho a gotta pura e chrystallina
a sensitiva torna mais louçã.

Sê tu, minha querida, a brisa diva,
que eu da rosa feliz quero o papel!
Como a gotta de orvalho á sensativa,
dos teus labios eu quero o doce mel!

Não dispensa o bordão o peregrino;
na carencia do ar se extingue a luz;
a alma, sem gosar amor divino,
não póde conduzir da vida a cruz!

Ouve a voz de minh'alma! Escuta agora,
meiga filha de Deus!... Não sejas má!
Quando um riso de amor o vate implora,
como o amor que elle sente, amor não ha.

A rosa que ao nascer

"A rosa, ao desbrochar, abre a corolla,
o ar, o bosque, o valle perfumando,
quando o sol no horizonte desenrola
os seus raios, que o prado vêm dourando:
A flor desbota, secca e lá descora,
fanadas folhas pelo chão rolando!...
Mas vae-se a essencia para o céo subindo...
Não morre a rosa!... Vae p'ra Deus sorrindo

Assim ella morreu n'alva do dia,
como a flor que se cresta ao sol ardente!
Foi desprender seu canto de harmonia
lá no berço da aurora refulgente!
Um suspiro de intima alegria
foi exalar aos pés do Omnipotente,
e vive lá feliz e tão ditosa,
como a essencia da flor, da branca rosa."

Um poeta infeliz, que amava tanto,
não cessava um momento de carpir,
desbruçado na louza, este seu canto,
no alaúde funereo, a despedir!

E quando, alem, d'aurora a luz rompia,
rasgando o seio azul da madrugada,
um cadaver, meu Deus, alli se via,
e a seu lado uma lyra espedaçada!

Ballada

"Que pretendeis, cavalleiro?"
—Nobre sou, e vós sois bella:
dae-me pois, gentil donzella,
dae-me o vosso coração.

Dar-vos-hei em troca delle,
meu collar, que é d'oiro fino,
e alvo manto peregrino,
e as joias do meu brazão.

Dar-vos-hei mais dez herdades,
e o meu solar de Granada,
e os rubis da minha espada,
sem reparar quantos são.

E de tudo o que vos digo,
e de quanto mais me esqueço,
só, donzella, em troca peço,
só vos peço o coração.—

"Guardae, senhor, vossas joias
e os vossos dons seductores:
por ouro trocar amores,
não é, senhor, meu condão.

Guardae, guardae vossas joias,
que eu guardarei meus affectos!
Presentes tão indiscretos
dae a outras, a mim, não!

A mim, não! que tal não cumpre
á donzella que é briosa...
Pobre sou, mas orgulhosa...
Dou, não vendo o coração."

O cego

Eu sei modinhas tão bellas,
que as estrellas,
que as estrellas commovidas,
param nos céos quando as canto,
choram tanto,
lançam queixas tão sentidas!

Sei tantos contos de fadas
encantadas,
tantas historias bonitas,

que as meninas que me escutam,
se reputam
princezas por Deus bemdictas!

Sei cantigas mais suaves
do que as aves
do que as aves da floresta!
Em toda a parte que chego,
pobre cégo,
as moças me fazem festa.

Porem, ai!... Das açucenas,
sinto apenas
o perfume que embriaga!
Tenho n'alma um céo aberto,
mas, incerto,
nas sombras meu corpo vaga.

Virgem, cuja voz divina,
peregrina,
deu-me uma idéa da luz!
Cujos braços amorosos,
carinhosos,
partilharam minha cruz...

O canto do desgraçado,
desherdado
das obras da creação,
achou asylo em teu peito,
foi acceito
de teu santo coração.

O coração

Eu tenho um bichinho
do lado de cá,
que salta contente
ao ver a yáyá.

Dá saltos no peito
com tanto furor,
que eu ouço distincto,
medonho fragor.

Só anda saltando
cá dentro do peito
o bicho que as moças
já trazem sujeito.

Não peguem no bicho,
que pode morder!
Não tirem do peito,
que posso morrer.

Tem dono esse bicho,
que bate-me cá...
Eu dou, mas não digas
á minha yáyá.

Se acaso soubesse
que eu dou-t'o tambem,
ficava sem *ella*...
Perdia o meu bem.

O canto da noiva

Horas serenas dessa quadra bella,
brisas da tarde, que passaes, ouvi :
cerca-me a fronte a virginal capella,
o véo de noiva, o branco véo cingi.

Não mais os sonhos virginaes de outr'ora,
não mais as crenças que o ideal creou !
Mais veros laços vão prender-me agora...
Santos deveres a cumprir eu vou.

Sou noiva... O pranto que me invade o seio
não é causado pela dor, oh ! Não !
Do esposo ao lado se feliz me creio,
que magua é esta que me ateia então ?

Soffro saudades desse lar querido,
onde tranquilla me senti viver !
Chóro essa quadra de um sonhar florido...
Não mais minh'alma a poderá rever.

Sou noiva... Amigas que gosaes ainda
dessa existencia folgasã, feliz,
adeus !... Dest'alma a confidencia finda...
Outros cuidados dar-me a sorte quiz.

Mãe, que da vida o desvelado manto
de teus carinhos desdobraste em mim,
da filha acceita o derradeiro canto...
Sou de outro agora, Deus o quer assim.

Horas serenas dessa quadra bella!
Brisas da tarde, que fugis, adeus!
Cinge-me a fronte a virginal capella,
o véo de noiva confiou-me Deus.

Nas horas [1]

Nas horas que passo comtigo na mente,
quizera, contente, de amor te fallar;
quizera occultar aos olhos do mundo,
segredo profundo, que devo guardar.

Quizera, sosinho, nas horas da vida,
comtigo, ó querida, viver e gosar!...
Dormindo e sonhando mil sonhos ditosos ..
Com a vida dos gosos quizera acordar!

Mas tu não consentes que eu viva de amores,
e veja nas flores a tua expressão!
E, ao meu coração, que tanto te adora,
não cedes um'hora de tua affeição!!

E o fado não quiz ceder-me a ventura!...
E tu, creatura, que ao fado és igual,
tornaste fatal a minha esperança...
Tu eras creança... Fizeste-me mal!

Agora que vivo sem crenças, sem fé
que triste não é pr'a mim o viver!
Nem posso esconder aos olhos do mundo
segredo profundo, profundo soffrer.

(1) Conservo a metrificação incerta para não modificar estes versos bastante conhecidos.

De certo não posso, porque o desgosto
reflecte em meu rosto do peito a afflicção!
O meu coração, outr'ora contente,
agora resente a dor da paixão.

Flores d'algibeira

Sterlinas libras, que dominam bellas,
ai, amarellas, de tão linda côr,
têm attrativos e são convicentes,
são eloquentes expressões de amor.

A meiga libra sobre nós derrama
lucida chama, sem ardor que mata,
tel-a no bolso é dos mortaes a gloria,
pois a victoria com primor retrata.

Que amenidade, se, nas algibeiras,
tinem, fagueiras, alentando as fibras!
Se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,
na face bella se achará das libras.

Filhas do ouro, e como o ouro puras,
de mil venturas correctoras bellas,
se a sorte grande me sahisse um dia,
ai, que folia me não davam ellas!

Se, desgraçado, pelo amor trahido,
já tens sentido pela vida o tédio,
ai, não te mates, comprarás cautellas...
Nas amarellas acharás remedio.

Pobre viuva, em soluçar dorido,
vendo extendido seu marido morto,
embora a dôr lhe despedace as fibras,
herdando libras, logo tem conforto.

Lá quando a morte resfriar meu couro,
cubram-me d'ouro meu gelado collo!
Na tumba escura já resida, embora,
saltando fóra, dançarei um sólo.

Sempre te amando

Sempre te amando, desprezando a outras,
passando os dias a pensar em ti,
sempre chamando por teu doce nome,
desde o momento que te conheci.

A' bella rosa a borboleta abriga,
nunca despreza tão sincero amor:
tu és a rosa que me dás allivio,
eu sou o orvalho que alimenta a flor.

Quizera a fronte repousar no collo,
gozar delicias que jamais senti:
amarga vida vou passando agora,
desde o momento em que te conheci.

Quando meu corpo descançar na louza,
mulher formosa, tu irás alli,
pois mesmo ao peso da funerea campa,
ai, não, não posso me esquecer de ti.

A vaga

Quando a vaga parece, queixosa,
seus segredos á praia contar,
vai e vem, mas recua, medrosa,
o que soffre não quer revelar!

E' que a vaga tambem tem amores,
é que a vaga tambem sabe amar!
Quantas vezes soluça uma queixa
que parece que a vemos chorar!

O que fala? Comsigo só fala,
reclinada no dorso do mar!
Qual donzella, ferida de amores,
pensativa se queda a scismar!

Eu quizera saber o segredo
que ella, triste, não ousa contar!
Enlevado de amores por ella,
talvez fosse este affecto lhe dar!

A vaga
divaga,
dolente,
gemente!...
Pranteia,
e anceia
n'areia
do mar!
Chorando,
esmagando

no leito
o seu peito,
se rala,
não fala,
mas cala
o penar!

Mas quem sabe se a vaga, attrahida,
vae fugindo com tanta isenção,
porque teme os amargos tormentos,
que suggere uma impia traição!?

Eu tambem, já por ti desprezado,
sou qual vaga no dorso do mar,
que conserva no peito uns segredos,
que não deve, nem póde os contar!

Chiquinha

Chiquinha, se eu te pedisse,
de modo que ninguem visse,
um beijo, tu m'o negavas?
— Ai davas... Ai davas!

Um dia eu te divisando
na varanda costurando,
me recebeste sorrindo!
— Bem vindo! Bem vindo!

Beijei o teu pé pequeno,
teu lindo rosto moreno...
o rubro dos labios teus!
— Meu Deus! Meu Deus!

Se teu pae não for beocio,
descobre o nosso negocio!
E vai lançar mão da lei!...
— Bem sei! Bem sei!

Casar é febre que assusta
que horrivelmente me custa!
Fujamos já, sem demora...
— Agora! Agora!

Depois de tantas venturas,
das mais subidas ternuras,
que havemos nós de fazer?
— Morrer? Morrer?

Se teu pae não for beocio,
descobre o nosso negocio...
Que havemos de decidir?
— Fugir!... Fugir!

Se foi crime

Se foi crime te amar com loucura,
Mulher pura, perdôa o delirio!
Não condemnes, por Deus, quem te implora,
quem te chora abraçado ao martyrio!

Na desgraça onde a sorte arrojou-me,
inspirou-me esse amor teu semblante,
que é sublime qual rosa orvalhada
n'alvorada, do dia ao levante!

Como a onda na rocha batendo,
vem correndo em suave fragor,
em teu seio a minh'alma abatida
vae, sentida, finar-se de amor!

Quando um dia sentires, latente,
tristemente um suspiro passar,
é minh'alma, que ao céo se evolando,
vae, chorando, teus labios beijar.

ESTRIBILHO

Tu de mim foges, como as flores
do queimor do sol ardente,
no emtanto eu dou-te amores,
minha vida eternamente.

Um sonho

Que bello sonho
que eu hoje tive!
Tambem sonhando
o homem vive!

Era meu leito
o teu regaço!
Meu travesseiro
era teu braço.

Contra teu peito
tu me apertavas,
e os meus cabellos,
terna, alizavas!

As nossas almas
nesse momento
só se nutriam
de um pensamento.

Celestes sonhos
nos visitavam!
As nossas almas
nos céos estavam!

Antes eu nunca
mais acordasse!
Antes eu sempre
assim sonhasse!

Talvez

Talvez não creias que por ti sou louco,
tens feito pouco, porque tu és má!
Talvez duvides, mas, donzella, eu juro
que amor tão puro, como o meu não ha.

Tu me desprezas, porque és vaidosa,
tão orgulhosa nunca vi assim!
Talvez duvides, mas parece incrivel!...
Não é possivel duvidar de mim!

Não acreditas nas palavras minhas?
Não adivinhas — este amor me mata!
Talvez não creias, mas um só momento
do pensamento não me saes, ingrata!

E não tens pena, coração de gelo,
do meu desvelo, deste meu penar!
Talvez duvides, mas daria a vida
por ti, querida, por um teu olhar!

Talvez que zombes, póde ser que rias
das phrases frias que eu te disse agora!
Talvez que rias, coração de aço!
Tu ris, ao passo que minh'alma chóra!

Talvez, quem sabe! Póde ser, creança,
pois a esperança não perdi de vez!
Talvez, mais tarde, quando penses serio,
o teu imperio quebrarás, talvez!

Por entre as trevas

Por entre as trevas da noite
que cercam minha existencia,
brilha um astro de innocencia,
que é minha estrella polar!
Neste abysmo de minh'alma
só ella póde brilhar!

O clarão frouxo da lua
já desmaia no horizonte,
e o della na minha fronte
inda não veio pouzar!
Ide, ó sons da minha lyra,
em torno della adejar.

Vem, ó flôr do ethereo prado,
vem, meu anjo, sem receio,
entornar dentro em meu seio
teus perfumes, teu olhar!
Por tua alma innocentinha
minh'alma quero trocar.

Mas, olha, que a noite é negra!
São frios do inverno os gelos!
Eu já sinto em meus cabellos
o sereno a gottejar.
Não erram no céo estrellas,
nem ousa o mocho piar!

No meio deste silencio
ouço o carpido da fonte,
que vem descendo do monte
com sonoro crepitar!
Vou juntar ás vozes della
o echo do meu cantar.

Mas, talvez que adormecida,
recostada em teu postigo,

sonhando, ó virgem commigo,
vão meus cantos te acordar !
Adeus, ó virgem, que o bardo
não quer teus sonhos turbar.

Qual pombinha

Qual pombinha que se acoita,
sob a moita, com primor,
como a vaga borboleta,
quando inquieta o beija flor...

ESTRIBILHO

Volitando, forasteira,
na carreira, meu amor,
tu pareces a rolinha,
que se aninha no verdor !...

Ai, morena feiticeira,
na carreira, aonde vás ?
Ai, tem pena de minh'alma,
que, sem calma, se desfaz !

Quando a relva tu sulcaste,
bem me olhaste, que eu te vi !
Mas, ao ver-te tão galante,
delirante, me perdi !

És a linda borboleta
quando inquieta vás saltando,
bellas flores, sem receio,
no teu seio perfumando!

Ao pizares sobre as flores,
logo amores eu senti!
Saltitavas, fugitiva,
qual esquiva jurity!

És a rosa n'hastesinha,
moreninha, trescalando!...
E's tão linda como a aurora,
que além córa, despontando!

Lundú infernal

Toca o sino no alto da igreja,
a poeira nos campos revôa!
Grossa nuvem, que ao longe negreja!...
Com certeza não é coisa boa!

Corre a gente p'ra dentro de casa!...
Fecha a porta, mulher, credo em cruz!
Bem parece que o mundo se arraza!
Vem depressa accender uma luz!

Geme o vento na fresta da porta!
Gato-preto de vista travessa!
Lobis-homem, que tem a mão torta!
Um cavallo ideal, sem cabeça!

Que barulho vai lá no terreiro!
Esta casa, meu Deus, vem ao chão!
Ri-se o gallo no alto poleiro!
Mia o gato lá junto ao fogão!

Minha Nossa Senhora da Grelha,
acudi-me em tão grande afflicção!
Não te escondas, vem cá, minha velha!...
Vem ouvir os latidos do cão!

Vem, escuta: Uma idéa me acode!...
Eu t'a quero contar... não acabo!!...
Tu não sentes espirros de bóde?!
Credo em cruz!... Que não seja o diabo!

A mulher, escutando esta voz,
desprendendo da vista uma chamma,
para o quarto correndo veloz,
enfunou-se debaixo da cama!

Eu sósinho no meio da sala,
parecia soffrer de maleitas!
Suffocado, perdido, sem fala!...
Nem as pernas ficavam direitas!

Uma enorme barata divaga!...
Gordos ratos perpassam correndo!...
Camondongos, que não perdem vaga,
na gaveta o meu pão vão roendo.

Que barulho vai lá na cozinha,
caem pratos, panellas no chão!
Vejo alguem que p'ra sala caminha!...
Vem com luz, que lá vejo o clarão!

Arrastando uma grossa corrente,
lá vem elle... meu Deus!... é gigante!
Um morcego voando na frente!...
N'uma orelha mordeu-me o tratante!

Nesta grande afflicção, fatalmente,
levaria a velar noite inteira,
quando a porta se abriu de repente,
negro bóde pulou na soleira!

Vai-te embora, malvado, maldito!
Deus me livre p'ra sempre de ti!
Vai-te embora, damnado cabrito!...
Te esconjuro p'ra longe d'aqui!

Deu um berro tremendo o ladrão,
que inda hoje me fere os ouvidos!
De joelhos, prostrado no chão,
meia hora perdi os sentidos.

Quando, emfim, esta lucta tyranna
terminou, vi-me só no terreiro!
Entro em casa e debaixo da cama
da mulher não havia nem cheiro!!

Tinha o demo a levado comsigo !
Grande peça quiz elle pregar !
Mas, em vez da desgraça ao amigo,
foi fortuna que veiu me dar !

Hoje passo uma vida de rei,
só montando em cavallos do Cabo...
Longe della feliz me acharei...
Que de ha muito a levasse o diabo...

Eu sei que teus olhares

Eu sei que teus olhares são só delle,
que a elle déste inteiro o coração !
Eu sei que o amas muito e me desprezas,
não tens pena de mim, nem compaixão.

Eu sei que o amas muito e mesmo muito :
que o amas com paixão e com ardor !
Que dormes soluçando o nome delle,
e acordas a dizer baixinho—Amor !

Eu sei o quanto levas a fital-o,
extatica na luz de seu olhar !
Que adoras seu falar, seus meigos gestos,
e que nelle só levas a pensar !

Eu sei que o amas muito e mesmo muito,
que é só elle o ideal do teu viver !
Mas inda assim te juro ardentemente
que hei de amar-te, infeliz, até morrer.

Meu cafuné

LUNDÚ

Eu adoro uma yayá,
que, quando está de *maré*,
me chama muito em segredo
p'ra me dar seu cafuné.

Não sei que geito ella tem
no revirar dos dedinhos,
que fecho os olhos de gosto,
quando sinto os estalinhos.

Mas, quando arrufada está,
raivosa, me bate o pé,
me *xinga*, ralha commigo,
não me dá seu cafuné !

Então, nem mesmo chorando,
fazendo-lhe mil carinhos,
consigo que entre os cabellos
ella me passe os dedinhos.

Um dia zangou-se toda
por vir cheirando a rapé,
chamou-me de velho feio...
não me deu seu cafuné !

Brigou commigo deveras,
mas, passada a raivasinha,
foi ella mesmo quem deu-me
uma linda bocetinha !

Oh ! que boceta mimosa,
das pazes emblema é !
Quando funeguei a pitada,
ella deu-me um cafuné !

Oh ! que gosto então senti
na boceta de rapé ! !
Descobri o melhor meio
de ganhar meu cafuné !...

Porque ?

Por que vejo nos teus olhos
um luzeiro de magia,
desta vida nos escolhos
luz amiga que me guia !
Dás-me agora a poesia,
que, de novo me alentando,
faz, minh'alma vigorando,
renascer o amor bemdicto !
Deste amor eu necessito,
por viver sempre te amando !

Hoje sinto no meu peito,
no coração, expressivas,
as expansões redivivas
do meu passado desfeito !
Grato, humilde, a esmola acceito
de um affecto casto e puro,

quando eu via negro e escuro,
meu viver que, alfim, descança
n'uma estrella de esperança,
que me alenta no futuro!

No rio caudal da vida,
que tem por leito a descrença,
eu li a dura sentença
de uma esperança perdida!
Mas tu, formosa e querida,
não me deixaste morrer!
Pudeste ainda verter
a luz da vida em minh'alma,
com esse amor que me ensalma,
porque te amar é viver!

Simples desejos

Quando meu corpo se abysmar na campa,
descanço eterno do infeliz mortal,
deixem que a virgem que adorei na vida,
veja meus restos na mansão final.

Dourada louza não me enfeite a campa:
não quero as pompas que a riqueza tem!
Simples cruzeiro collocado em frente,
cypreste esguio, que se aviste além!

Brotem os goivos e as saudades rôxas,
tristonhos lyrios de sentida côr!
Funebre emblema de meus dias tristes,
na pobre campa do infeliz cantor!

E tu que passas, caminheiro errante,
por essa campa solitaria e núa,
do labio, ungido de piedade santa,
dá-me uma esmola de uma prece tua!

O' pallida Madona

O' pallida Madona de meus sonhos,
bella filha do cerros de Enggadi,
vem inspirar os cantos do poeta,
rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que em meu peito repousava,
como o orvalho das noites no relento,
a teus pés elevou-se como as nuvens,
que se perdem no azul do firmamento!

Aqui, além, bem longe em toda a parte,
meu pensamento segue o passo teu;
tu és a minha luz, sou tua sombra!..
Eu sou o lago teu, tu és meu céu!

A' tarde, quando chegas á janella,
a trança solta onde suspira o vento,
minh'alma te contempla de joelhos,
a teus pés vae morrer meu pensamento.

Inda hontem, á noite, no piano,
os dedos teus corriam no teclado!
Nas caricias de tuas mãos tão lindas,
suspirava e gemia apaixonado!

Depois, cantando, a aria suspirosa
veio n'alma accender-me mil desejos!
Prosternei-me a teus pés perdido e louco,
supplicando-te amor, em doces beijos.

Vem dizer-me se posso ainda um dia
nos teus labios beber o mel dos céos!
Eu te direi, mulher dos meus amores:
amar-te inda é melhor do que ser Deus.

Que horas tristonhas

Que horas tristonhas são estas, meu anjo,
não ouço uma nota, sequer, de harmonia!
São horas cançadas!... Meu Deus, que penar!
Só eu gemo agora na dôr d'agonia.

Se vejo nos montes o orvalho cahindo,
me sinto gelado!... Que vida penosa!
A flôr lá nas mattas suspira sentida!...
Eu sinto saudades de Arminda formosa!

Descanto, gemendo, nest'harpa de amores,
sonhando que vejo meu anjo de amor,
depondo nas faces carmineas e bellas
mil beijos ardentes com todo o fervor!

A voz sonorosa do anjo adorado,
meu sonho fagueiro... foi tudo illusão!
Acordo e me vejo no leito isolado,
co'a dôr da saudade no meu coração!

Foi nas margens

Foi nas margens de um lindo ribeiro,
que eu te vi com uma cesta de flores!
Oh! que olhos, que faces divinas!
Eras, mesmo, uma deusa de amores.

Eu vaguei tanto tempo debalde,
té que um dia te pude encontrar!
E, querendo dizer que te amava,
nem, ao menos, quizeste me olhar.

Um momento te peço, ó mulher,
para ouvires a terna expressão
deste pobre infeliz, que só vive
sepultado em profunda paixão.

Como os teus lindos olhos, tão bellos,
eu jámais neste mundo encontrei!
Mas teus olhos perturbam, maltratam,
de uma fórma que eu mesmo não sei.

Só te peço, mulher, que consintas
de alabastro o teu collo beijar!
Teus cabellos, cobrindo meu rosto,
possam, meigos, a dôr abrandar.

Eu amo a calma

Eu amo a calma que em teu rosto brilha,
qual luz serena de cerul o véo;
fulgente aureola te illumina a fronte,
ó flor divina dos jardins do céo.

Amo a candura dessa tez mimosa!
Da magnolia a pallidez retrata!
Dera minh'alma, meu futuro e glorias
por teu sorriso, que de amores mata!

Amo o perfume dessas louras tranças,
onde a florsinha vem achar guarida:
mal sabe a pobre, que tu tanto adoras,
que a vida eu dera p'ra roubar-lhe a vida.

Com as àlvas roupas da Madona, imagem
que nunca em sonhos Raphael sonhou,
creio que és santa, como em Deus eu creio!
Perdôa a um louco que te viu e amou!

Teu nome

Teu nome foi um sonho do passado,
foi um murmurio eterno em meus ouvidos,
foi som de um'harpa que embalou-me a vida,
foi um sorriso d'alma entre gemidos!

Teu nome foi um echo de soluços
entre minhas canções, entre meus prantos!
Foi tudo o que eu amei, que resumia
dores, prazer, ventura, amor encantos!

Escrevi-o nos troncos do arvoredo,
nas alvas praias onde bate o mar!
Das estrellas fiz lettras, soletrei-o
por noite bella ao morbido luar!

Escrevi-o nos prados verdejantes,
com as petalas da rosa ou d'açucena!...
Quantas vezes nas azas perfumadas
correu das brisas em manhã serena

Mas na estrella morreu! Caiu nos troncos!
Nas praias se apagou!.. murchou nas flores!..
Só guardada ficou-me, aqui, no peito,
saudade ou maldicção de teus amores!

Prazeres

Prazeres qué eu não sonhava,
teu amor me fez gosar!
Bella Armia, tu não queiras
a minha vida findar!

Careço de ti meu anjo,
careço de teu amor,
como da gotta de orvalho
carece na terra a flor!

De teus labios na fragrancia
bebi dos céos o licor!
Gosa amor quem te idolatra,
porem soffre o teu rigor!

Não fujas de mim, meu anjo,
careço do teu amor,
como do orvalho celeste
carece na terra a flor!

Loura trança

Quando, de noite, ella passeia os olhos
por esse mundo de azulada tela,
rolam-lhe em ondas pela espadua eburnea
as louras tranças dos cabellos della.

A laranjeira, que, viçosa, olente,
tece, p'ra dar-lhe, uma gentil capella,
derrama, ao vel-a, um turbilhão de flores
nas louras tranças dos cabellos della.

A branca lua que, saudosa e triste,
por entre nuvens, solitaria vela,
bebe o perfume que se exhala, á noite,
das louras tranças dos cabellos della.

A flor mais casta, mais garbosa e pura,
modesta e meiga, divinal, singela,
chora e soluça quando aspira a essencia
das louras tranças dos cabellos della.

Ai ! quem me dera desvendar-lhe a mente,
e dar-lhe tudo o que o seu peito anhela,
só pelo goso de imprimir-lhe um beijo
nas louras tranças dos cabellos della.

Mas se eu não posso dedicar extremos
á meiga, á pura, á divinal donzella,
quizera, ao menos, me cobrir, na morte,
com as louras tranças dos cabellos della.

Linda flor como eras bella !...

Linda flor como eras bella
naquella manhã primeira !
Eras qual virgem formosa,
cantando de amor fagueira !

Que côr tu tinhas suave !
Como brilhavas no monte !...
Tu parecias um'ave
que se balouça na fonte !

Por que te vejo assim murcha
por golpes de atroz tufão ?
Tu não perdeste o perfume,
mas jazes no frio chão !

Revive, ó bella florsinha,
que eu quero te dar um canto !
Se queres, serás rainha
dest'alma, que te ama tanto !

Assim ditosa era a vida,
nesse viver de ventura,
mas hoje triste e pendida
para o chão da sepultura !

O vento frio da sorte
murchou-me as flores do peito !
E' murcha a doce esperança
do meu passado desfeito !

Se queres

Se queres, virgem, conhecer se te amo,
já que duvidas do meu santo amor,
pergunta ao pranto, que por ti derramo,
banhando o rosto que desbota a côr!

Se é pouco ainda para ver se minto,
pergunta ás noites de luar sereno,
se eu conto á lua o que calado sinto,
na dor profunda de infernal veneno!

Escuta, ó virgem, por piedade, escuta
os sons da lyra, que por ti desprendo!
Vê que minh'alma na cançada lucta
vae pouco a pouco de paixão morrendo!

Ai, quantas vezes procurei fugir-te,
sem que pudesse me esquecer de ti!
Sempre em meus sonhos parecia ouvir-te,
e então chorava, como choro aqui.

Mas enganei-me quando assim sonhava!
Tenho, meu anjo, muita dor soffrido!...
Não me maldigas; eu bem sei que a lava
me invade o peito de gemer dorido!

A brisa corre de manso

A brisa corre de manso
por entre as trevas de alem!
O mar se move em balanço,
as ondas correndo vêm!
E tu desprendes as tranças
ao sopro dos ventos sues!
Eu vou perdendo esperanças
de ver teus olhos azues!...

Depois a noite suspira!...
A onda geme na praia!...
A voz do vento delira!...
A luz nas trevas desmaia!
Ergues os olhos aos céos,
cantas um hymno de amor,
e Deus te envolve nos véos
do teu pudico rubor!

Some-se a lua, e os astros
do plumbeo céo se retiram,
já do lume os flavos rastros
as doidas nuvens sumiram.
Então, velada, contricta,
lembrando a prece infantil,
o triste pranto te agita
o bello, o mago perfil!

Quando a matina sorrindo,
por entre flocos de luz,
traz os cabellos fulgindo,
como as legendas da cruz,
falas de amor, em delirio,
fitas louca a immensidade!...
Só te responde o martyrio!...
Fala-te a voz da saudade!

Borboleta

Borboleta, meus encantos,
mimoso insecto, onde vaes?
Vaes á patria dos amores
ver as fontes de chrystaes?
Has de ver a minha Elvira
entre as flores de coraes!

Vae contar-lhe as minhas dores,
meus affectos immortaes!
Minha c'roa de martyrios,
meus suspiros e meus ais!
Has de ver a minha Elvira
entre as flores de coraes!

Vem dizer-me se ella guarda
suas juras tão leaes,
ou se adora um outro amante,
de mais louros triumphaes!...
Has de ver a minha Elvira
entre as flores de coraes!

Se seu peito ingrato e fero
já não quer ouvir meus ais,
vae libando o mel das flores...
Fica lá não voltes mais!
Vivam duas inconstantes
entre as flôres de coraes.

Na walsa

Eu vi-te sorrindo, voando na walsa,
com os olhos cerrados, qual um cherubim,
e aos leves volteios que davas, garbosa,
lançavas um meigo sorriso p'ra mim!

Chorava o piano n'uns sons maviosos,
pendia-te aos hombros o branco de um véo,
e tu, volteando nas azas da walsa,
donosa imitavas um anjo do céo!

Depois, eu te dísse: descança um momento:
mas, sem me attenderes, ficaste a sorrir!
Meu peito arquejava por ver-te walsando...
Nem um só momento quizeste me ouvir.

Mas vi desprender-se dos seios de neve,
gentil, fascinante, sentida, florsinha!...
Os doces harpejos da walsa morriam...
a flor eu guardei-a... a flor hoje é minha!

Quando sosinho

Quando, sosinho, meditando á tarde,
vem-me á lembrança a tua imagem linda,
corre-me o pranto, rorejando as faces,
sinto no peito uma saudade infinda,

Mas tu, quem sabe, nem no peito guardas
tristes lembranças do primeiro amor,
nem te recordas dos passados dias,
dos juramentos que fizeste, ó flor!

Assim padeço neste mundo ingrato,
triste, isolado, soluçando em vão!
Porém, se acaso te offendi, meu anjo,
venho, humilhado, te implorar perdão.

Quanta amargura nessas horas soffro,
quantos martyrios, sem poder fitar-te!
Ai, sabe, ao menos, que, de ti bem longe,
hei de, constante, meu amor votar-te.

Sê maldicta

Tanto amor puro, santo e sublime,
tu calcaste nos pés, ó ingrata!
Não sentiste no peito esta chamma,
com que amor aos mortaes arrebata!

Minhas crenças mataste, ó perjura,
foste falsa, tyranna e cruel!
Té as fezes tragar me fizeste
n'uma taça de dores e fel!

Se eras de outro, porque me enganaste?
Tu não eras forçada em amar-me!
Esta dor que meu peito devora,
muito breve ha de a vida findar-me.

Sê maldicta, socego não aches,
para allivio do teu coração!
Os suspiros de dor que soltares,
só encontrem desprezo, aversão!

Que mais desejas?

Que mais desejas?
Tudo te dei!
De tudo em troca
nada alcancei.

Dei-te meu peito
em pranto e ais...
Dei-te minh'alma!..
Que queres mais?

Juraste eterna
fidelidade,
seguiu-se ás juras
a falsidade!...

Em toda a parte
vejo rivaes...
Foi-se a esperança...
Não creio mais!

Se me não queres,
se não me adoras,
quando me queixo,
que tens, que choras?

Ah, não me prendas
no pranto teu:
não quero um pranto
que não é meu!...

Mas, oh! perdoa...
Foi illusão!
Dos meus transportes
tem compaixão!

Perdoa, esquece,
cessa o rigor!
Não fere a offensa
que vem de amor.

Quizera ter harpa

Quizera ter harpa, nos céos afinada,
que, meiga, vibrasse mil sons de harmonia:
nas azas dos genios, aos astros voando,
que trovas tão bellas por ti eu faria!

Então eu cantara, mulher de meus sonhos,
com doce magia, com doce primor!
Seriam meus carmes, de amor repassados,
as preces das virgens, orando ao senhor!

Mas como não posso sagrar-te meus cantos,
singelos, tão puros, de meiga expressão,
n'um culto divino, teu nome adorado
conservo guardado no meu coração.

Vem ver Elysa

Vem ver, Elysa, como surge a lua,
de nuvens núa, como esplende o céo!
Vem ver seus raios magestosos, ledos,
sobre os rochedos, como um branco véo.

Vem ver, Elysa, como chora a fonte,
que a tua fronte retratar só quer!...
Vem ver o rio como triste corre,
e ao longe morre te buscando ver!

Vem ver a praia de movente areia,
que tanto anceia pelos paços teus!...
Vem ver a vaga, que, a chorar, delira,
ante a saphira, que embelleza os céos!

Do vento frio vem ouvir o açoite!
Vem ver a noite, vem á praia orar,
que a tua prece, virginal, sentida,
será ouvida no supremo altar.

Do jardim de minha vida

Do jardim de minha vida
desfolhaste lindas flores,
Depois fugiste, deixando
minh'alma cheia de dores!

Ferida pela tristeza,
que me enlucta e me devora,
de trevas é minha vida,
quando de luz foi outr'ora!

Quando amor tu me juraste,
tambem amor te jurei!
Quebraste a jura, mataste...
todo o amor que então te dei!

Hontem, pobre, tu me amavas,
eu me julgava feliz!
Pór outro tu me deixaste...
Mas não sei que mal te fiz!!

Na mocidade os meus dias
comtigo alegre passei,
sorrindo, porque me amavas,
cantando, porque te amei!

O pranto que por ti verto,
que tantas dores encerra!...
talvez que vingue minh'alma,
tão desolada na terra!

A primavera

A primavera é uma estação florida,
cheia de immenso, divinal fulgor!
De flores enche o coração, de vida,
e enche de vida o coração da flor!

A mocidade é uma estação ditosa,
cheia de risos, de ideal prazer!
E as almas sentem um viver de rosa,
na mocidade—a rosa do viver!

Na primavera ha profusão de côres,
as flores brotam do rochedo bruto!
Depois... o fructo que ha de vir das flores,
e as novas flores que hão de vir do fructo!

Na mocidade ha melopéas calmas,
tremem dos labios os vermelhos frisos!
Os risos cantam no brotar das almas,
cantam as almas no brotar dos risos!

Ambas se adornam n'um viver risonho,
eguaes parecem—ambas são de amor!
Se a mocidade faz nascer o sonho,
a primavera faz nascer a flor!

Eguaes parecem quando a vida as solta,
e, no emtanto, ellas não são eguaes!
A primavera passa e depois volta,
e a mocidade não nos volta mais!...

Que valem flores

Que valem flores
ao teu sorrir,
quando os teus labios
se vão abrir ? !

São duas petalas
de rosea côr,
que estão falando
sempre de amor !

Teus meigos olhos,
negros, amenos,
despedem lumes
ternos, serenos !

Teu collo esbelto,
de jaspeo alvor,
infunde n'alma
fervente amor.

Se alvas roupagens
ligeiras, vestes,
e teus cabellos
d'ouro revestes,

Aspasia eu vejo
de linda plastica,
pedindo um beijo
na bocca elastica !

Se a fimbria arrastas
da longa tunica,
és uma grega
perfeita e unica.

Quantos anceios
trago em meu peito,
porque a teus dotes
vivo sujeito !

ESTRIBILHO

**Estatua ou anjo,
mulher divina,
marca-me o termo
da minha sina !**

Descantes á viola

Era no matto á tardinha,
quando encontrei-a, sósinha,
com seu machado a cortar;
"Adeus, senhora Maria!"
Ella, baixinho, sorria...
Sorrindo estava a corar!
Então cortei toda a lenha,
depois levei-a á casinha!
Ai, que amor, quanta ventura
n'aquelle matto, á tardinha!

Surgia doce alvorada,
quando encontrei-a assentada
junto á lagôa a scismar!
"Não enche d'agua o potinho?"
Ella sorriu-se baixinho,
sorrindo estava a corar!
Então enchi seu potinho,
só por não vêl-a molhada!
Ai, que amor, quanta ventura
n'aquella doce alvorada!

Era uma tarde de Agosto,
quando encontrei-a ao sol posto,
perto da casa a chorar!
"Não chore! Que dôr infinda..."
Sorriu-se, chorando ainda!

Sorrindo estava a corar!
Enchuguei-lhe então o pranto,
que deslisava em seu rosto!
Ai, que amor, quanta ventura,
n'aquella tarde de Agosto.

Que noite, que noite aquella!
Toda airosa, toda bella,
na festa via a dansar!
"Senhora Maria, bravo!"
Ella atirou-me... era um cravo!
Seu ledo rosto a corar!
Sahi então, dansei muito,
Sómente por causa della!...
Ai, que amor, quanta ventura!
Que noite! Que noite aquella!

Era uma noite de lua,
quando, junto á face sua,
eu lhe disse a suspirar!
"Não sabes! Sou teu amante!"
Que sorriso inebriante!
Sorrindo estava a corar!
Então lhe disse enlevado:
"Maria! minh'alma é tua!"
Ai, que amor, quanta ventura,
n'aquella noite de lua!

Sobre as ondas

Sobre as ondas, mansamente,
o nosso barco, fagueiro,
oscilla brando e ligeiro,
á luz do luar albente!

A noite calma, divina,
vai sobre nós deslisando,
emquanto a náo peregrina
vai sobre as ondas boiandó.

Ante o teu labio risonho,
ante o clarão de teus olhos,
não tenho medo de escolhos! ..
Navego como n'um sonho!

Como cysnes alvejantes,
n'um lago serenamente,
vamos felizes, errantes,
sobre as ondas mansamente!

Que importa que ruja o vento,
raivoso rebrame o mar,
se eu tenho neste momento
o pharol de teu olhar!

O' mulher não sorrias

O' mulher, não sorrias, que eu choro !...
o' mulher, não sorrias de mim !
Tu não sabes a dor que eu padeço !...
Tu, querendo, me pódes dar fim !

ESTRIBILHO

Vem depressa, visão dos meus sonhos !
Vem depressa, ó meu anjo de amor,
dar allivio aos martyrios, que soffre
este pobre infeliz trovador.

Quando a lua vem meiga e saudosa
dar mil beijos na face do mar,
eu me lembro de ti com saudades,
e, tristonho, me ponho á chorar !

Vem depressa, visão dos meus sonhos, etc.

Ao teu lado serei venturoso,
ao teu lado prazer gosarei,
e, depois de gosar teus carinhos,
em teus braços, feliz, morrerei.

Vem depressa, visão de meus sonhos, etc.

Aquelle Ranchinho

Tu me perguntas a historia
daquelle triste ranchinho,
que abandonado encontrámos
coberto por negros ramos
de pecegueiro maninho...
Aquelle rancho de palha,
aquelle triste ranchinho?

Ai! foi um drama de sangue
que alli se deu ¡ Pois não vês!
Repara para as janellas!...
O fogo passou por ellas!
Ha quantos annos? Ha tres!
Contou-me o velho posteiro
ha pouco menos de um mez.

Alli morava um velhinho,
e mais um anjo de amor;
creança bella e morena,
mais formosa que a açucena;
Maria a pallida flor,
cujo perfume trescala
nos sacros pés do senhor!

Maria e Vito se amavam,
iam seus fados unir,
quando a trombeta de guerra
plangente echoou na serra,

convocando a reunir !
Parte o audaz cavalleiro;
porém, antes de partir...

Porém, antes, entre beijos,
juraram constancia assim :
"Se eu morrer n'uma batalha,
"nesta casinha de palha,
"tu viverás só por mim ? !,,
A moça beijou-lhe a fronte
e respondeu-lhe : — Pois sim.

Os annos voam. Ha tempos
que ella não ri como sóe !
Chora a triste sertaneja :
quando, por fim, lhe negreja
uma noticia que dóe :
— morrera Vito em combate,
morrera como um heroe !

Vestiu lucto a pobrezinha...
O velho tambem vestiu !
Cede por fim a ternura,
e, pouco a pouco, a tristura
no peito se lhe extinguiu !
"Se elle morreu, foi destino,
"foi a sorte que o feriu !,,

Depois correu pela riba
uma nova singular : —
que a bella flor do posteiro

com o filho de um fazendeiro
ia mui breve casar ;
causando abalo a noticia,
sem que ousassem duvidar.

Uma noite a tempestade
batia pelos cipós,
gemia o vento dos montes
e as aguas frias das fontes
desciam com rouca voz !
Lá no rancho do posteiro
dous noivos dormiam sós.

De repente, pela encosta
um cavalleiro desceu :
molhado o ponche brilhava,
e a saraiva gottejava
do tristonho rosto seu !...
Era um vulto negro, negro,
trazendo enorme chapéu !

Soltando a redea ao cavallo,
ao rancho foi espreitar !
O vento rugia ao longe
e o bosque, sombrio monge,
estava como a rezar ! !
A' luz de um raio, se abre
a porta de par em par !

Sobre o leito precipita-se
o camponez, sem temor !
No punho a adaga fluctua,

e nas mãos aperta a sua
primeira sombra de amor!
Uma lucta então se trava,
sendo Vito o vencedor.

"Traidora!" brada o gaúcho:
"Não vês teu noivo?... Morreu!
"Morrerás tambem, ingrata!"
E a fria adaga de prata
bem nos ares suspendeu!
Baixou a mão, e, tres vezes,
no coração a embebeu!

Ao romper d'alva os destroços
de um rancho viam-se então!
O incendio levara tudo,
e fôra cumplice mudo...
fôra cumplice o trovão!
Eis a historia que me pedes
do ranchinho do sertão.

Sonhei comtigo donzella

Sonhei comtigo donzella,
já era de madrugada!
Vinha rompendo a alvorada
com seu dourado clarão!
Que aurora! que céo!... que nuvens!

Que doce contentamento
sentia nesse momento
meu alegre coração!

No bosque gemia a rola,
de manso soprava a brisa!...
Do lago na face lisa
candidas garças boiavam!
Tecendo c'roas de flores,
os anjos cantavam hymnos!
Gratos effluvios divinos
o rosto teu circumdavam!

Tu bem junto a mim sentada,
eu reclinado em teu seio,
de goso meu peito cheio,
minh'alma preza nos céos!
Os labios teus, côr de rosa,
vertiam gottas de essencia!...
Dos olhos na transparencia
eu via o rosto de Deus!

Fui cruel, bem sei, perdoa!
Não pude guardar segredo!
No silencio tive medo
de estalar o coração!
Perdoa, virgem donosa,
perdôa tanta loucura!
Perdoa a quem só procura
te render adoração!

Não és tu

Não és tu quem eu amo, não és,
nem Thereza tambem, nem Cyprina,
nem Mercedes, a loura, nem mesmo
a travessa e gentil Valentina.

Quem eu amo, eu te digo, está longe :
lá nas terras do imperio chinez,
n'um palacio de louça vermelha,
sobre um throno de azul japonez !

Tem a cutis mais fina e brilhante
que as bandejas de cobre luzido!
Uns olhinhos de amendoas, voltados,
um nariz pequenino e torcido.

Tem uns pés !..: oh, que pés !..: Santo Deus!
Mais mimosos que uns pés de creança !
Uma trança de seda, e tão longa
que a barriga das pernas alcança !

Não és tu quem eu amo, nem Laura
nem Mercedes, nem Lucia, já vês !
A mulher que minh'alma idolatra
é princeza do imperio chinez !

Os olhos azues

Os olhos castanhos são lindos, serenos,
seu brilho nos mata, nos prende e seduz,
porém a minh'alma despreza-os, sem magua,
por vêr tão sómente os teus olhos azues.

O sol, despontando na rubra alvorada,
na terra, nos mares, em tudo reluz!...
Mas nunca os seus raios as settas lançaram
que lançam, vibrando, os teus olhos azues!

E, quando me vires, com os olhos em Christo,
e as mãos tremulantes seguras á cruz,
verás que a minh'alma fugindo, invisivel,
procura asylar-se em teus olhos azues!

ESTRIBILHO

Não sei o que influe o azul dos teus olhos!
Que chamma! Que brilho! Que iman! Que luz!
Já ouço a minh'alma dizer-me baixinho:
Eu vivo captiva de uns olhos azues!

O beber e o fumar

Guardae vossos bons conselhos
para deixar de beber!...
Quero cumprir minha sina!...
Na *chuva* quero morrer!

Caboclos, negros, mulatos,
era a gente que bebia,
mas hoje os nobres fidalgos
tomam porre todo o dia!

Do funil façam mortalha,
da pipa façam caixão!
Sirva de vela a garrafa...
mas quero um copo na mão!

No fundo de um alambique
quero a minha sepultura,
pois, mesmo depois de morto,
quero beber á fartura!

Caboclos, negros, mulatos,
era a gente da *mamata*,
mas hoje vive no porre
muita besta aristocrata!

ESTRIBILHO

O beber alegra a gente!
O fumar nos dá prazer!
Quem não bebe, quem não fuma,
que alegria póde ter?

Se não me amas [1]

Se não me amas, ó mulher, porque me prendes ? !
O teu amor, o teu affecto é meu viver !
Não escarneças, ó mulher, de quem te adora !...
Ai !... não sorrias, ó mulher, de meu soffrer !

Tu és a causa voluntaria de meus prantos !
Tu és a causa voluntaria desta dôr !
Hoje, zombando, tu repelles meus extremos,
e vaes pagando com ludibrios este amor !

Ai... tu murchaste para sempre as minhas crenças !
Eu já não posso mais gosar o que gosei !
Sei que sou pobre; e, olha, a um pobre não se ama!...
Eu fui um louco, oh sim, mulher, porque te amei !

Eu fecharei meu coração a teus rigores !
A' indifferença e ao desprezo eu vou te dar !
Mas, juro !... A ti, que espesinhaste os meus affectos !
a ti, cruel, não amo, oh ! não, nem hei de amar !

As ondas são anjos

As ondas são anjos que dormem no mar,
que tremem, palpitam, banhadas de luz !
São anjos que dormem a rir, a sonhar,
e, em leito de espuma, revolvem-se nús !

(1) Para que estes versos possam ser cantados com a respectiva musica, que todos conhecemos, foi mister deixal-os com todos esses erros de accentuação, que o leitor certamente notará.

E, quando de noite vem pallida a lua
seus raios incertos nas aguas banhar,
e a trança luzente da nuvem fluctua,
as ondas são anjos que dormem no mar.

Que dormem, que sonham!... E o vento dos céos
vem, tepido, á noite, seus seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
que ao fresco se embalam das ondas do mar!

Ai, dize, não sentes, dos mares na flor,
os ventos, as vagas gemer, palpitar!
Por que não consentes, n'um beijo de amor,
que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

Ao virar da esquina

Ao virar a esquina,
eu vi, em Lisboa,
uma rapariga
catita e bem boa!

E logo atraz d'ella
eu sigo, eu sigo,
e, sem mais detença,
lhe digo, lhe digo:

Anjo de minh'alma,
ai, meu bem querer,
dize-me o teu nome,
desejo saber!...

"Eu não tenho nome,
"meu caro senhor...
"Sou d'essas paragens
"a mais linda flor."

Anjo de minh'alma,
de um pobre tem dó,
dá-me um teu beijinho...
eu peço-te! um só!

"Ai, meu caro amigo,
"modere este anceio!
"P'ra moça solteira
"é feio, é tão feio!"

Anjo de minh'alma,
visão lá do céo,
este triste peito
é teu, é só teu!

"Já que pede tanto,
"emfim, tenho dó:
"tome um só beijinho,
"mas um só, um só!"

Dei-lhe dous tres, quatro !...
Nem pude os contar !
Dei-lhe bem trezentos,
pensando um só dar !

A trança

AO AMIGO SATYRO BILHAR

A *lyra*, amigo meu, a *lyra* — esse thezouro,
que, na ledice ou dôr, magua ou prazer revela,
é nosso talisman, que o trovador com ella
relembra a todo instante o seu passado d'ouro.

as urnas de nossa alma está cantando em côro
um bando de afflicções ! A noite é meiga e bella !
E a lua, que se escôa em saphyrina téla,
parece que convida a gente para um *chôro* ! !

Mas, silencio, Bilhar !... Escuta !... Alguem soluça !...
A lua que dos céos p'ra terra se debruça,
qual terno menestrel, suspira em monodias !

Nesta noite de amor, neste luar divino,
emquanto o meu violão por teu violão afino,
vai meu estro embalando em tua harmonias.

Bravissimo, Bilhar ! Que acórde emocionante !
Que saudoso menor ! Que nota angustiada !
Que sente o teu violão, que, em noite enluarada,
parece o querelar da fonte murmurante ?

Não me bulas assim na *prima* soluçante,
que eu sinto dentro d'alma a dôr exacerbada,
não provoques, meu velho, a minha voz cançada...
Mas tu gostas de ouvir-me... eu sei... Queres que eu cante ! !

Neste orvalho que desce, humedecendo as cordas,
neste dulio harpejar, saudades me recordas
de uma noite em que a vi n'um sonho de bonança !

Que madeixas sem fim, Bilhar, a deusa tinha ! !
Tu vaes acompanhar-me agora esta modinha,
que em oblação lhe fiz, e que se chama—A Trança.

A trança

Quando a viram meus olhos, nobre, altiva,
de uma alvura mais alva do que a lua,
a minh'alma, a chorar, rolou captiva
nos setineos grilhões da trança sua.

Eu quizera a seus pés cahir vencido,
lhe escutando as sentenças uma a uma,
mas sorver-lhe os odôres, envolvido
nessa trança ideal, que o chão perfuma !...

Dia e noite a minh'alma não se cansa
de gemer, suspirar, chorar por ella !
Eu só vivo a pensar na loura trança,
não me posso esquecer da trança della !

Na miseria, que o mundo escandaliza,
eu vivera feliz, sem dor, contente,
mas quizera ser chão em que ella pisa,
ara a trança beijar-lhe eternamente...

Eu cantára esse amor que ella me inspira,
n'uma aurora perenne de esperança,
se eu trocasse as seis cordas desta lyra
por seis fios subtis da loura trança.

CATULLO CEARENSE

(Musica de Taffi e F. Velho da Silva)

A côr morena

A côr morena
é côr do ouro,
a côr morena
é meu thezouro.

Fui condemnado
pela açucena
por exaltar
a côr morena.

A côr morena
é meu delirio,
a côr morena,
é meu martyrio.

A côr morena
é côr de prata,
a côr morena
me prende e mata.

A côr morena
me dá calor !...
A côr morena
é toda amor.

A côr morena
é côr do ouro !
A côr morena
vale um thezouro.

ESTRIBILHO

E' de meu gosto,
E' de minha opinião,
Amar a côr morena
Com fervor no coração. (1)

FIM

(1) Propositalmente deixo errada o metrificação deste estribilho.

NOTA

A modinha *Ao Violão* e todas as mais que se seguem, até a pagina 91, são da lavra do snr. Catullo da Paixão Cearense. As restantes foram collecionadas, revistas e melhoradas pelo mesmo autor.

Capital Federal, 1º de Março de 1908.

Quaresma & Comp.ª

INDICE